

Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados

MARIANA DINIZ

R E S U M O Apresenta-se, aqui, um primeiro trabalho relativo às campanhas de escavações arqueológicas realizadas em 1995, 1997 e 1998 no povoado neolítico da Foz do Enxoé, Serpa. Os trabalhos de terreno prosseguirão em anos próximos, bem como o tratamento integral da informação recolhida, considera-se, no entanto que o conjunto de dados obtidos e analisados, até ao momento, permite esboçar um quadro cronológico-cultural em que se inserem estas comunidades e colocar questões relativas ao conjunto de transformações culturais que se desenrolam ao longo do Neolítico, afectando conjuntos materiais, redes de aprovisionamento de matérias-primas e estratégias de exploração de recursos.

A B S T R A C T The aim of this paper is to present the data collected in the neolithic settlement of Foz do Enxoé, Serpa, during the fieldwork of 1995, 1997 and 1998. Although it is planned further fieldwork it is now possible to present and discuss the cultural context of this site and the main characteristics of late neolithic settlement in the interior south of Portugal, mainly artefacts sets and chronological periods.

1. Identificação e localização do sítio

O sítio pré-histórico da Foz do Enxoé foi identificado em trabalhos de prospecção arqueológica realizados por José Braga e pelo Eng.º António Monge Soares, sendo este último o autor de uma pequena referência (Soares et al., 1994, p. 171) acerca de alguns materiais recolhidos neste povoado e depositados no Museu de Serpa.



Fig. 1 Localização do povoado da Foz do Enxoé na Península Ibérica.

Ao longo de 1994 e no Inverno de 1995 a signatária, inicialmente acompanhada pelo Eng.º A. Monge Soares, efectuou repetidas prospecções no sítio tendo em vista a obtenção de dados que permitissem avaliar o interesse da realização de escavações arqueológicas no povoado.

O sítio da Foz do Enxoé localiza-se na Herdade da Foz, freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa, distrito de Beja, Carta Militar de Portugal 1:25 000 folha n.º 522, com as coordenadas Gauss S 187 047 (Fig. 2).

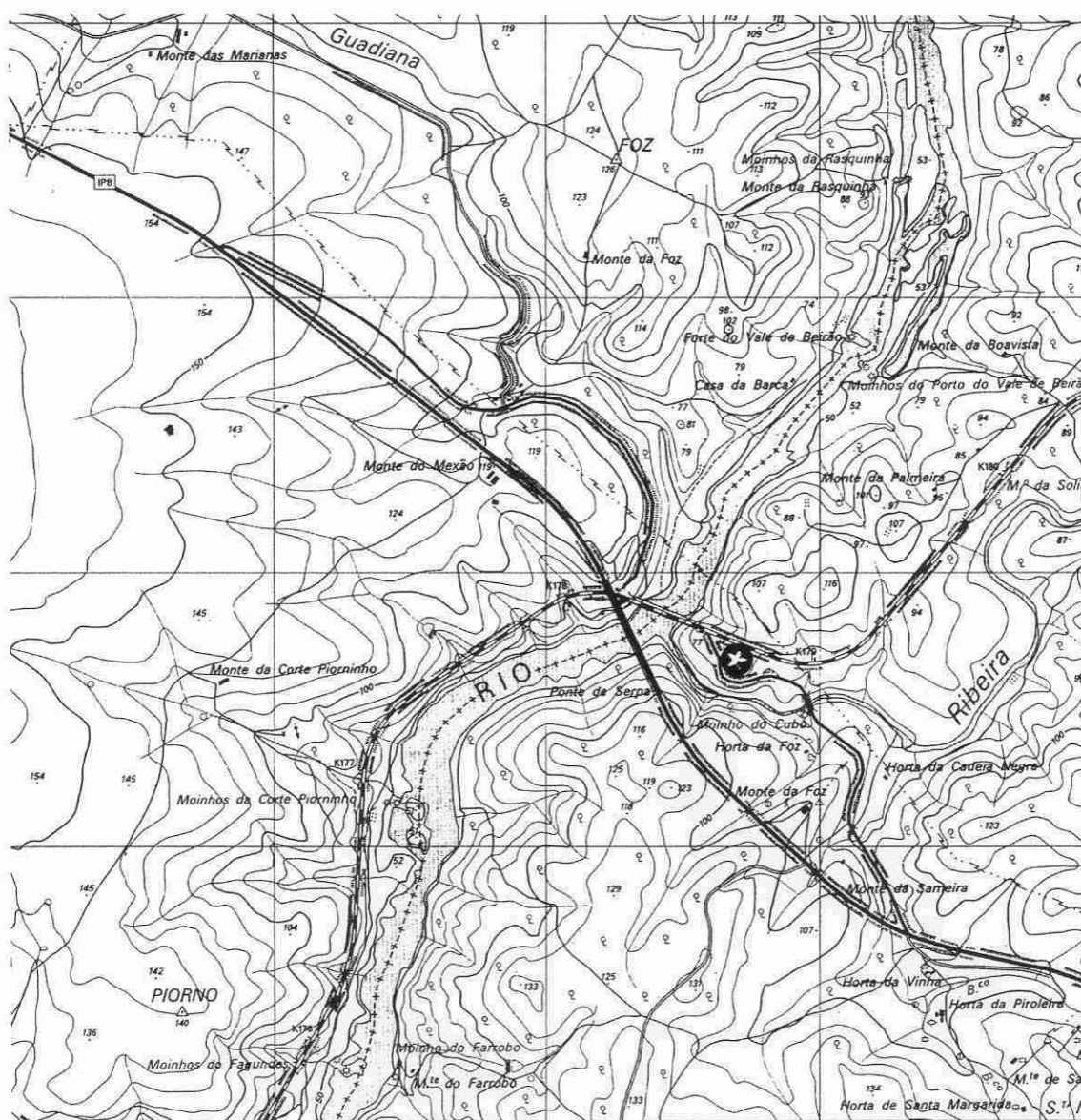


Fig. 2. Localização do povoado da Foz do Enxoé na folha n.º 522 da Carta 1: 25 000.

2. Implantação

O sítio pré-histórico da Foz do Enxoé está implantado numa rechã de origem fluvial, na margem direita da Ribeira do Enxoé, na zona de confluência desta ribeira com o Rio Guadiana.

Aquele patamar corresponde a um antigo terraço fluvial correlativo do nível 1 de Mariano Feio (1946) que culmina à cota de 89 m. De topo por vezes irregular, está talhado sobre gabros do Complexo Estratiforme dos Gabros de Beja - Unidade de Santa Ana (Fonseca, 1995) e a ele estão associados depósitos pouco espessos de arenitos finos de cor castanha, com intercalações conglomeráticas de quartzo e quartzito bem rolados.

O sítio estende-se por uma área dividida pela estrada que conduz ao apeadeiro do Guadiana. A E da estrada, sector onde o povoado se estende por aproximadamente 0,5 ha, foram implantadas as áreas de escavação (LC1 e LC2), e afloram principalmente gabros a uma cota aproximada de 80 m. O topo deste interflúvio é caracterizado por uma morfologia que lembra uma sela; no seu extremo sul foi implantado o corte LC1, enquanto LC2 foi implantado na vertente N da referida sela, a cerca de 40 m de LC1. A W da estrada, área ainda não intervencionada, aflora o depósito de terraço atrás descrito, sendo a morfologia caracterizada por um topo aplanado com um declive fraco para poente.

3. Visibilidade e acessos

Analisando a implantação topográfica do sítio da Foz do Enxoé conclui-se que o controle da paisagem e dos acessos imediatos ao povoado não foram critérios de implantação espacial seleccionados aquando da ocupação do sítio.

A ocupação de um terraço fluvial, delimitado por duas linhas de água, Guadiana e Enxoé poderia indiciar uma posição destacada e de alguma forma isolada na paisagem. A partir do povoado é, efectivamente, possível observar para NNW um troço do Guadiana e para W a foz do Enxoé.

No entanto, os relevos que circundam o sítio apresentam cotas mais elevadas, 104 m no Alto da Ponte (terraço fluvial imediatamente superior e sem materiais arqueológicos) e 120 m no Alto da Foz, relevo da margem esquerda da foz do Enxoé.

A visibilidade a partir do povoado reduz-se a uma área imediata uma vez que a topografia da área envolvente não permite qualquer controle de paisagem.

Os acessos directos ao povoado a partir das margens do Guadiana ou da ribeira do Enxoé podem ser considerados declivosos e de alguma forma naturalmente protegidos, no entanto é possível, a partir de SE, atingir o sítio sem qualquer dificuldade, percorrendo as plataformas relativamente aplanadas da margem direita da ribeira do Enxoé.

A comunidade que ocupou este terraço concretizou um modelo de implantação no espaço que não valoriza como critério para a escolha de sítios de *habitat* o domínio da paisagem, o controle e a dificuldade dos acessos, elemento significativo na reconstrução de um determinado cenário social que será adiante discutido.

4. Solos

A localização geográfica do sítio da Foz do Enxoé, num terraço da margem esquerda do rio Guadiana, impede a utilização do modelo clássico de *site-catchment* (Vitta-Finzi e Higgs, 1970), na tentativa de definição do território explorado pelos grupos humanos que ocuparam o sítio.

Se o rio Guadiana não é uma fronteira natural, não é também admissível supor uma estratégia de obtenção de recursos primários que envolvesse travessias constantes do mesmo, tendo em vista a exploração de uma área com 5 km de raio a partir do povoado.

Opta-se, assim, e em consequência também dos dados que o sítio forneceu, por descrever a tipologia e as potencialidades de utilização agrícolas dos solos imediatos ao povoado numa área substancialmente menor que a proposta por Vita-Finzi e Higgs.

Os dados cartografados na actualidade e que se utilizam nesta análise não traduzem obrigatoriamente situações pretéritas, no entanto constituem, sobretudo em áreas menos antropizadas como o interior alentejano, indicadores insubstituíveis de potencialidades agrícolas.

Segundo os dados da Carta de Solos e da Carta de Capacidade de Uso do Solo, o terraço sobre o qual o povoado assenta caracteriza-se pela existência de solos mediterrâneos pardos de dioritos ou quartzodioritos e afloramentos de gabros, pertencentes às classes D e E, de uso limitado e em geral não susceptível de utilização agrícola, aconselhado para pastagens e exploração florestal.

Estes solos são no entanto limitados por dois corredores de solos de classe C, a Norte, na área que se estende para o rio Guadiana, e a SE numa extensão de 1 km aproximadamente.

Observando as classes de solos existentes num raio de 5 km a partir do sítio, apenas na margem esquerda do Guadiana, verifica-se a presença de um verdadeiro mosaico de classes de solos, entre as quais se destaca uma mancha considerável de solos de classe A.

A implantação do sítio confirma assim a imagem que paulatinamente se constrói para alguns dos sítios integráveis numa etapa final do Neolítico, e que traduzem a preferência por solos leves, mais aptos para uma agricultura baseada na força humana, e a potencial exploração de pequenos corredores de terreno com capacidades agrícolas medianas, certamente consideradas suficientes para sustentar um pequeno grupo de “economia mista”.

A localização do sítio não se conjuga com uma vocação primordialmente agrícola por parte deste grupo específico que, no entanto, possui no seu território de obtenção imediata de recursos, terrenos agricultáveis.

Se fosse seu objectivo a exploração de solos da classe A e B outras implantações para o povoado teriam certamente sido preferidas, localizações que implicassem menor distância no acesso aos campos agrícolas, dada a localização periférica do sítio da Foz do Enxoé relativamente a estes terrenos.

5. As escavações arqueológicas

Foram realizadas campanhas de escavações arqueológicas no sítio da Foz do Enxoé em 1995, 1997 e 1998 no âmbito de um projecto de investigação relativo à neolitização do interior alentejano, recentemente reestruturado e aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia, sob a designação “A Neolitização no Interior Alentejano”.

As campanhas de escavação foram dirigidas pela signatária e nelas participaram diversos alunos da licenciatura em História, variante Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa.

As escavações arqueológicas, que prosseguirão em anos futuros, destinavam-se a obter informação que contribuísse para caracterizar em várias vertentes, cronologia absoluta e relativa, exploração de territórios e matérias-primas, estratégias económicas, cultura material, organização interna de áreas de *habitat*, redes de troca, modelos de implantação e redes de povoamento, o Neolítico da região.

Os dados até agora recolhidos justificam o presente trabalho, esperando que o prosseguir das escavações permita afinar os resultados já obtidos e encontrar respostas para questões em aberto.

De acordo com os objectivos explicitados no projecto, as escavações arqueológicas obedeceram aos princípios metodológicos da escavação em *área*, privilegiando a interpretação sincrónica de cada momento de ocupação.

Os materiais arqueológicos provenientes das primeiras recolhas de superfície pareciam indicar a utilização do sítio num intervalo de tempo relativamente curto, genericamente integrável no Neolítico final.

Em 1995 foram abertas duas áreas de escavação distintas: FE-LC1 e FE-LC2, cuja descrição e resultados se apresentam (Fig. 3):

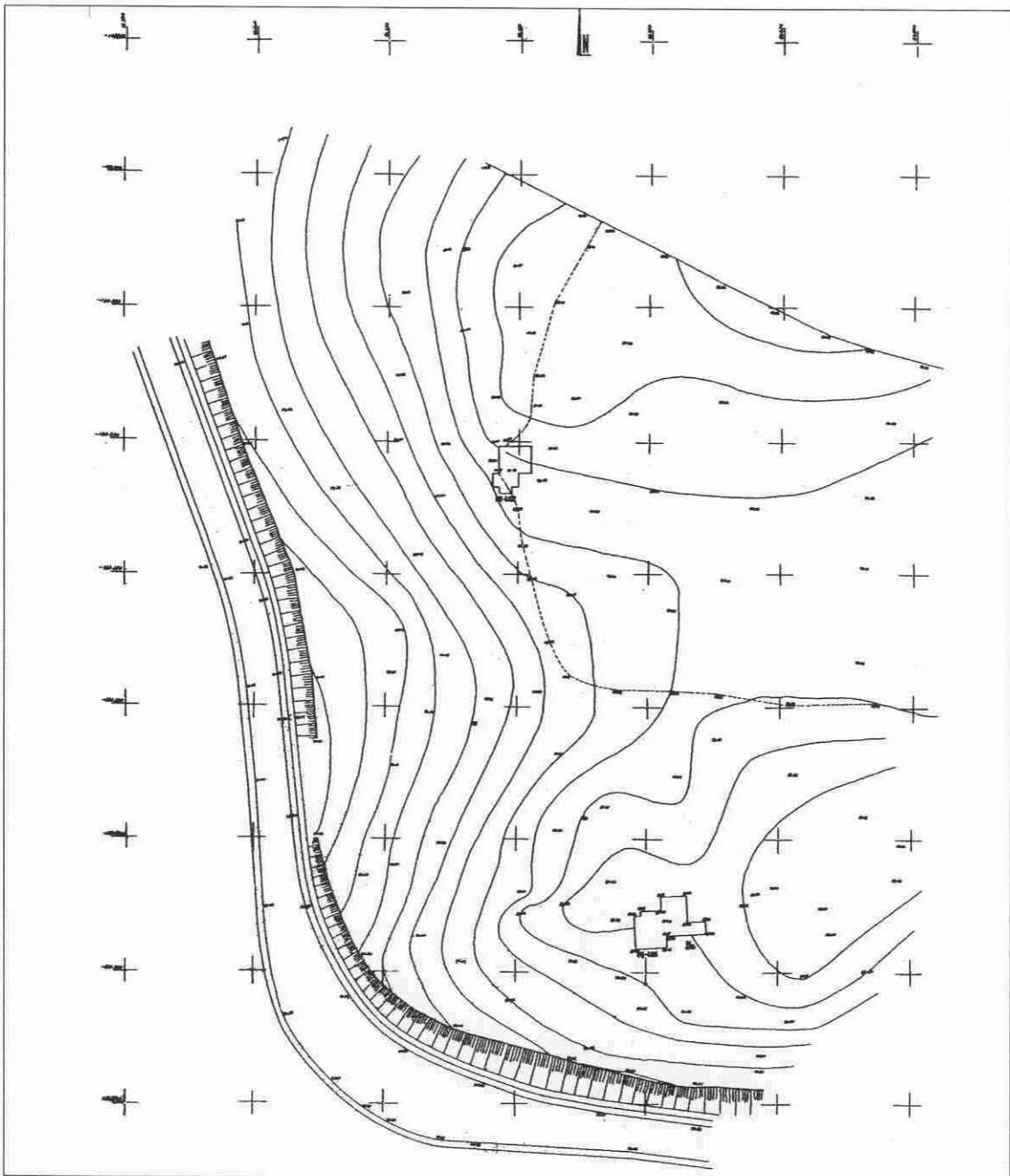


Fig. 3 Implantação dos cortes FE-LC1 e FE-LC2 no levantamento topográfico 1:200.

FE-LC1 - Foz do Enxoé - Locus 1

Os trabalhos de escavação iniciaram-se pela implantação do corte FE-LC1 na extremidade Sul do terraço fluvial, um topo aplanado, o que permitiria a identificação de estruturas e materiais arqueológicos *in situ*, limitado por caos de blocos naturais e que apresentava raros materiais arqueológicos à superfície, materiais que se tornavam, no entanto, abundantes nas vertentes abruptas a Sul, sobranceiras à estrada de alcatrão.

Foi aberta uma quadrícula com 55 m², que não foi ainda integralmente escavada, uma vez que outra área foi considerada prioritária.

Foi identificada a seguinte sequência estratigráfica:

U.E. 0 - unidade estratigráfica que corresponde à camada superficial do terreno, com cobertura vegetal rasteira e quase total ausência de materiais arqueológicos

U.E. 1 - unidade estratigráfica registada em toda a área em escavação, integralmente escavada, com espessura muito desigual oscilando entre os 10 cm e os 30 cm. Unidade de formação natural, recente, consiste num sedimento castanho-claro-amarelado (Munsell 10YR 6/4) de consistência variável, mas que se apresenta principalmente bastante solto.

Encontram-se alguns pequenos seixos rolados e blocos de grauvaque de pequenas e médias dimensões, bem como algumas raízes. Os materiais arqueológicos são relativamente abundantes.

Esta unidade cobria U.E. 2 e assentava na rocha de base.

U.E. 2 - unidade estratigráfica registada em toda a área em escavação, ainda não escavada tendo sido apenas definida a sua superfície. Em alguns pontos da escavação esta unidade é, devido à erosão que colocou o substrato rochoso à superfície, praticamente inexistente.

Unidade de formação natural, onde se registam raros materiais arqueológicos muito rolados e de pequenas dimensões. Esta unidade consiste num sedimento muito rijo de cor castanho-avermelhado (Munsell 7.5YR 4/4).

A formação desta unidade é posterior à formação de U.E. 3.

U.E. 3 - unidade estratigráfica de formação aparentemente artificial, registada nos quadrados L-11, L-12, M-11, M-12, consiste num arco de círculo de blocos de pedra (grauvaque) de pequenas e médias dimensões entre os quais se recolheram artefactos cerâmicos e nódulos de barro de cabana. Esta unidade é interpretada como um vestígio de uma provável estrutura habitacional - tipo cabana - cuja continuação terá sido destruída pela intensa erosão, sentida em L12 onde a rocha de base surge a cerca de 10 cm da superfície actual (Fig. 4).

O grau de erosão a que este topo aplanado esteve sujeito é responsável pela fraca potência estratigráfica detectada em alguns quadrados e pela exiguidade do conjunto artefactual obtido em FE-LC1, tendo em consideração a pouca profundidade que a escavação atingiu, uma vez que a estrutura identificada como U.E. 3, demonstra a ocupação neolítica desta área como provável espaço habitacional.

FE-LC2 - Foz do Enxoé - Locus 2

Ainda em 1995 implantou-se um outro corte FE-LC2, junto ao limite Este da plataforma mesial do terraço, área parcialmente sujeita a trabalhos agrícolas pouco profundos e onde os materiais de superfície eram mais abundantes.

Este corte, inicialmente uma pequena sondagem com 8 m², foi alargado nas campanhas de 97 e 98 e, em função dos excelentes resultados obtidos, nele foram concentrados todos os trabalhos de terreno.

Em FE-LC2 foi identificada a seguinte sequência estratigráfica:

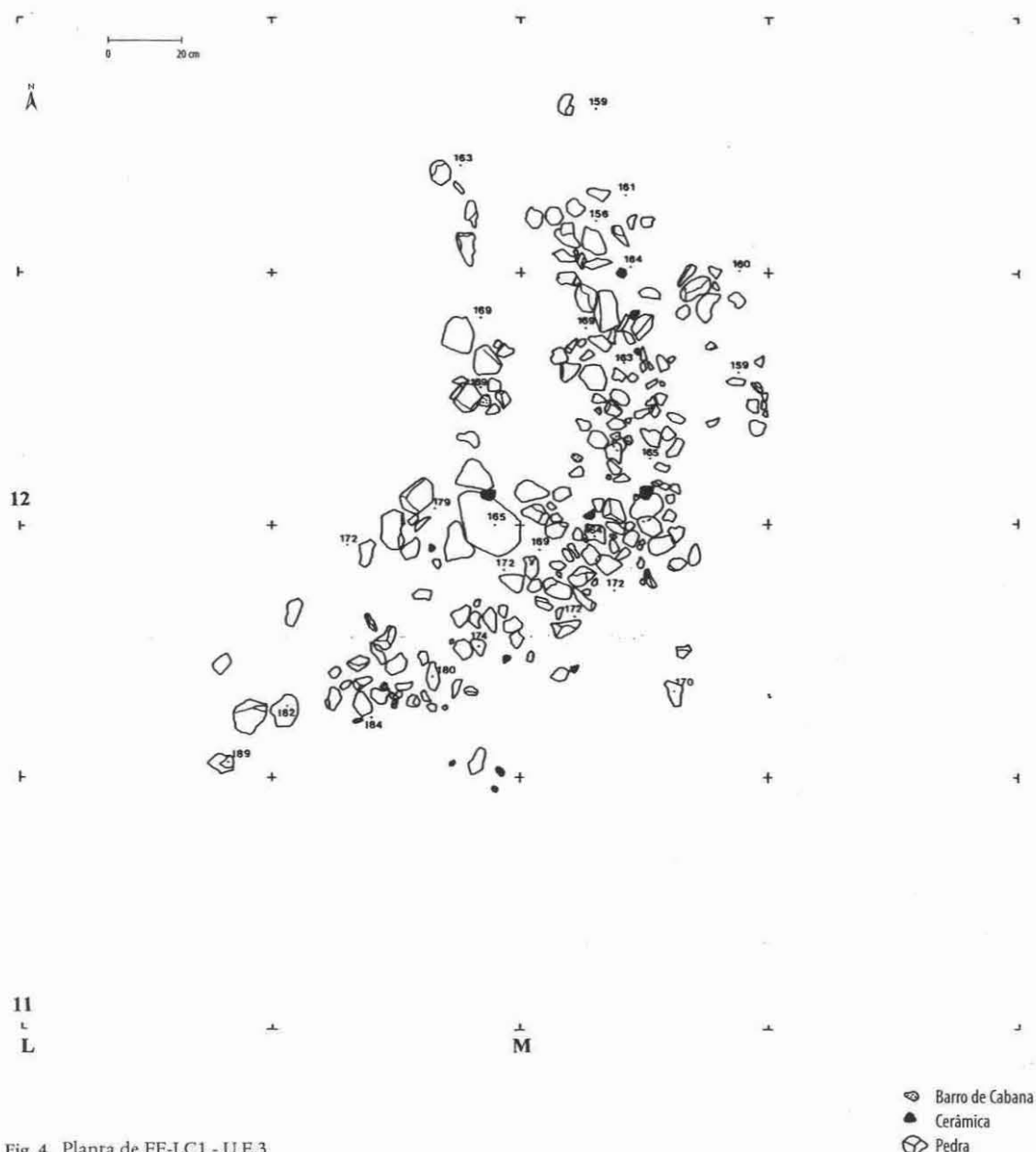


Fig. 4 Planta de FE-LC1 - U.E.3.

U.E. 1 - unidade estratigráfica superficial, registada em E14, E15 e E16, que consiste num sedimento fino, arenoso castanho-amarelado (Munsell 10YR 6/4), muito rijo e recentemente sujeito ao arado, com frequentes seixos rolados e blocos de grauvaque.

Esta unidade foi integralmente escavada na campanha 1(95) e apresentava uma espessura muito variável, que oscilava entre os 5 cm e os 23 cm

Não se recolheram artefactos em U.E. 1 exceptuando os materiais arqueológicos que se encontravam à superfície.

Esta unidade apoiava-se em U.E. 2 e cobria U.E. 3.

U.E. 2 - unidade estratigráfica superficial, recente, de origem natural, registada em toda a área de escavação, onde o terreno não foi sujeito ao arado, é composta por um sedimento fino, argiloso, de coloração castanho amarelado (Munsell 10YR 5/4), com seixos rolados e raízes das oliveiras próximas, onde estão presentes materiais pré-históricos rolados.

Esta unidade estratigráfica foi integralmente escavada e apresentava uma espessura variável que oscilava entre os 8 cm e os 30 cm, aproximadamente.

Esta unidade cobria U.E. 3.

U.E. 3 - unidade estratigráfica integralmente escavada, de origem natural, registada em toda em área de escavação, consiste num sedimento argiloso muito rijo, húmido, de cor castanho-avermelhado muito escuro (Munsell 5YR 4/2), com seixos rolados e blocos de grauvaque.

Esta unidade contém na sua base abundante material arqueológico, nomeadamente grandes fragmentos de recipientes cerâmicos que foram retomados de U.E. 4.

Esta unidade estratigráfica estendia-se por toda a área de escavação, num total de 30 m², apresentava uma espessura que oscila entre os 10 e os 30 cm aproximadamente, perfazendo um volume de 6 m³.

U.E. 3 depositou-se sobre uma superfície de erosão que trunca afloramento de gabro são, gabro alterado e U.E. 4.

U.E. 4 - unidade estratigráfica integralmente escavada, registada nos quadrados C15, D15 e E15, de origem natural, caracterizada pela extraordinária abundância de material cerâmico pré-histórico, muito do qual fragmentado em conexão e com evidentes sinais de fogo/calor intenso associado a calhaus de dimensões médias (20-25 cm), a alguns seixos de quartzito e a restos de fauna, envolvidos num sedimento homogéneo, compacto de cor castanho escuro (Munsell 7.5YR 2.5/2).

Esta unidade ocupava uma área aproximada de 1.5 m por 1 m e apresenta uma espessura média de 20 cm, perfazendo um volume de 0.3 m³.

Assenta a Norte e Oeste no areão estéril e a Sul e Este na rocha de base (Fig. 5).

A escavação de U.E. 4, unidade apenas definida em 2(97) permitiu compreender a sua origem e corrigir a interpretação anteriormente avançada.

U.E. 4 parece traduzir um episódio de sedimentação numa depressão, aparentemente natural, e pouco pronunciada da rocha de base, com origem num depósito de enxurrada (Fig. 6, 7 e 8).

A posição vertical no sedimento de alguns artefactos, nomeadamente uma lâmina-lamelar de 10 cm de comprimento, parece indicar o transporte de material arqueológico envolvido num sedimento argiloso.

O estado de conservação do material arqueológico, fragmentos cerâmicos de grandes dimensões, recipientes carenados quebrados em conexão, sugere um transporte de pequena distância e a formação de U.E.4 num tempo curto. A posterior erosão desta unidade será responsável pela sua pouca espessura e circunscrita definição espacial.

Não é neste momento possível determinar se U.E. 4 se deposita num momento contemporâneo ou posterior da utilização pré-histórica do sítio arqueológico.

O material arqueológico recolhido em U.E. 4 teria, na sua maior parte, sido já descartado aquando da formação desta unidade, o que justifica o pequeno número de colagens que foram possíveis.

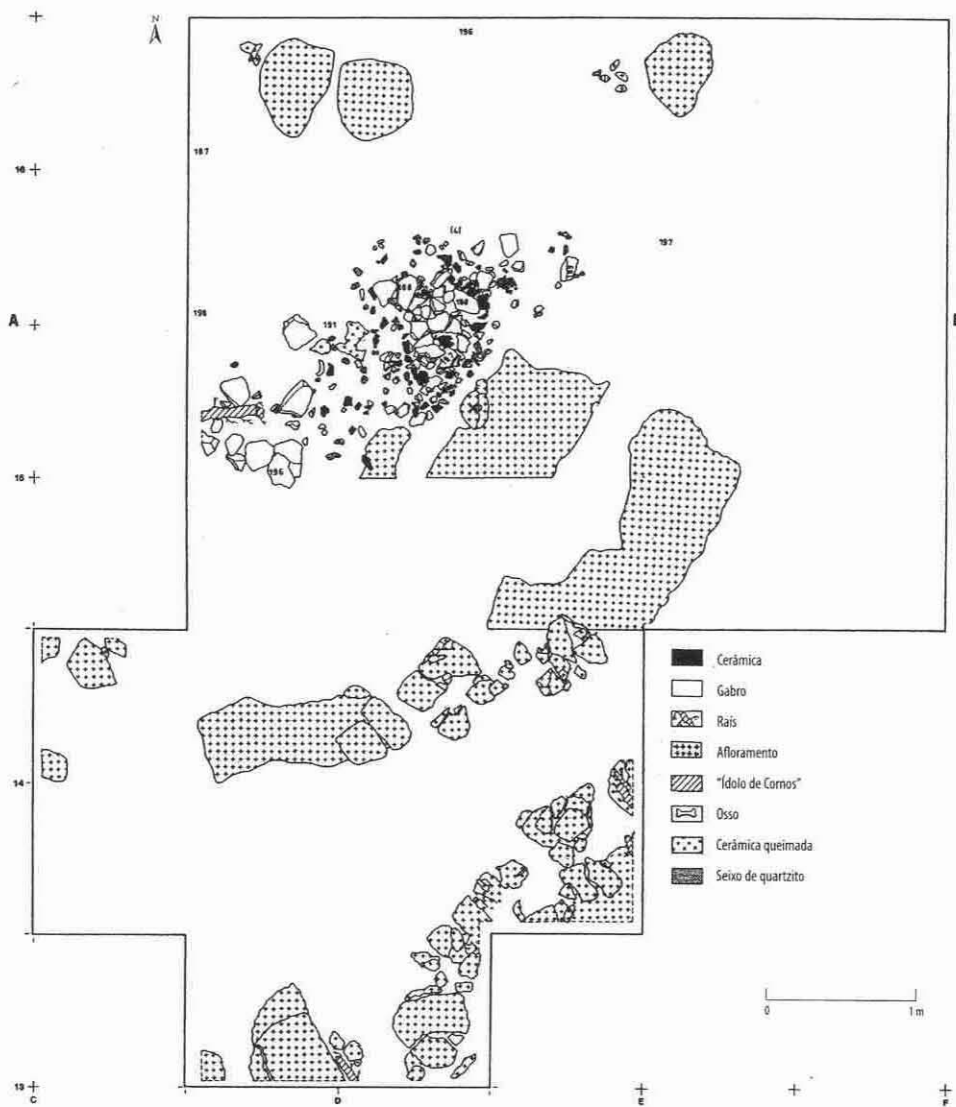


Fig. 5 Planta de FE-LC2 - U.E. 4 e rocha de base.

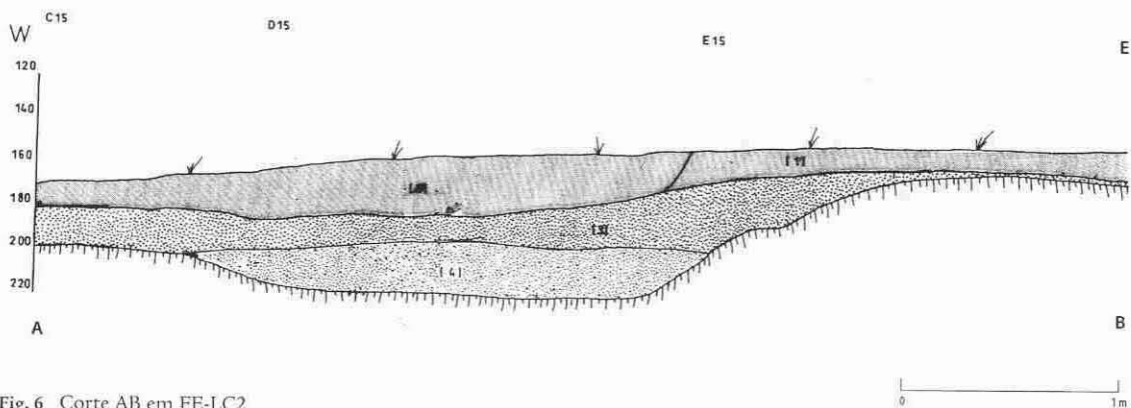


Fig. 6 Corte AB em FE-LC2.

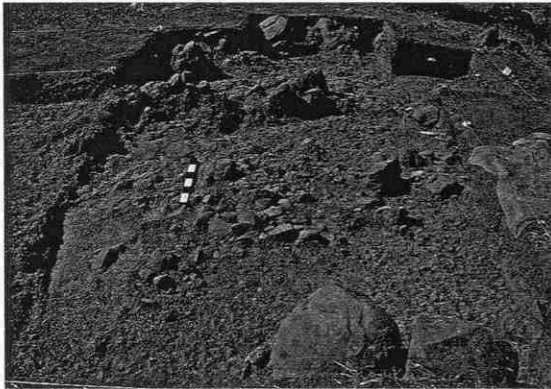


Fig. 7 FE-LC2, vista para Sul de U.E. 4 e rocha de base.



Fig. 8 FE-LC2, topo de U.E. 4.

6. Os dados da cultura material

A caracterização tipológica dos materiais arqueológicos, de superfície ou de escavação, recolhidos na Foz do Enxoé, parece traduzir a ocupação deste espaço numa etapa cultural e cronologicamente bem definida, num momento terminal da diacronia neolítica, ainda não datada cronometricamente, e de duração desconhecida.

Os elementos da cultura material identificados são, portanto considerados contemporâneos e alvo de um tratamento conjunto. Considerou-se, no entanto pertinente apresentar segundo a proveniência estratigráfica os artefactos provenientes de FE-LC2, demonstrando assim a densidade artefactual registada em U.E. 4, a pequena bolsa de materiais depositados sobre a rocha.

Foi possível observar a totalidade do conjunto recolhido, criando em consequência quatro categorias principais de análise, recipientes cerâmicos, objectos relacionados com o sagrado, cerâmica de revestimento, pedra lascada-productos alongados e indústria macrolítica sobre quartzito, posteriormente subdivididas em alíneas consideradas significativas.

A pedra polida está atestada apenas por uma recolha de superfície, um fragmento longitudinal da machado de pedra polida, de gume intacto e talão apresentando sinais de percussão, pelo que não foi criada uma categoria própria para este tipo de material.

6.1. Cerâmica

6.1.1. Recipientes cerâmicos

No povoado da Foz do Enxoé foram recolhidos cerca de 38 kg de cerâmica, tendo sido seleccionado para estudo um conjunto de 257 fragmentos de recipientes, que se distribuem pelas categorias tipológicas abaixo apresentadas.

Quadro 1 – Peso dos fragmentos cerâmicos da Foz do Enxoé				
Superfície	FE-LC1	FE-LC2 - U.E.1/2	FE-LC2 - U.E.3	FE-LC2 - U.E. 4
0.95 Kg	6 Kg	4.75 Kg	6.6 Kg	20.15 Kg

Quadro 2 – Bordos e Recipientes

	<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2 - U.E.1/2</i>	<i>FE-LC2 - U.E.3</i>	<i>FE-LC2-U.E.4</i>
Bordos	29	19	19	59	88
Recipientes	29	19	19	59	81

Quadro 3 – Formas

	<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2-U.E.1/2</i>	<i>FE-LC2-U.E.3</i>	<i>FE-LC2-U.E.4</i>
Abertas	8	6	5	11	20
Fechadas	7	1	6	17	25
Carenadas	2	-	-	6	9
Paredes rectas	-	1	2	8	3
Vaso de colo	-	-	-	-	1
Indeterminadas	12	11	6	17	23

Quadro 3a – Bojos carenados

<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2-U.E.1/2</i>	<i>FE-LC2-U.E.3</i>	<i>FE-LC2-U.E.4</i>
3	4	2	5	9

Quadro 4 – Bojos decorados

	<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2-U.E.1/2</i>	<i>FE-LC2-U.E.3</i>	<i>FE-LC2-U.E.4</i>
Impressos	2	-	-	1	-
Incisos	1	-	1	3	-
Cordões plast.	1	-	-	1	-
Inciso/impresso	-	1 (bordo)	-	-	-

Quadro 5 – Fragmentos mamilados e asas

	<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2-U.E.1/2</i>	<i>FE-LC2-U.E.3</i>	<i>FE-LC2-U.E.4</i>
Bordos mamilados	1	3	-	7	10
Bojos mamilados	-	1	1	2	-
Carenas mamiladas	3	-	-	-	2
Mamilos aparelhados	-	-	-	1	-
Mamilo isolado	-	1	3	1	-
Asa	-	-	-	1	-

Quadro 6 – Morfologia dos bordos

	<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2-U.E.1/2</i>	<i>FE-LC2-U.E.3</i>	<i>FE-LC2-U.E.4</i>
Aplanados	6	6	5	21	25
Biselados	9	5	4	18	24
Côncavos	14	8	10	20	32

A análise dos quadros apresentados permite identificar as principais características do conjunto estudado e detectar ausências cujo significado, cronológico ou cultural, ainda não foi definido. A leitura dos dados aqui apresentada traduz a informação actualmente disponível, que poderá, em função de novos trabalhos de terreno sofrer alterações, uma vez que o sítio não foi integralmente escavado.

Os recipientes observados parecem destinar-se essencialmente à manipulação e consumo de alimentos, não estando, até ao momento, identificados fragmentos que pudessem pertencer a grandes recipientes de armazenagem.

Não tendo sido realizado um estudo das capacidades dos recipientes, cujos fragmentos na maior parte dos casos apenas permitem definir a orientação da peça, considera-se, no entanto que estes se distribuem empiricamente pelas categorias de vasos pequenos e médios.

Num total de 214 bordos recolhidos cerca de 4% provêm da U.E. 4, a única unidade que forneceu material que permitiu colagens, tendo a partir de 88 bordos sido possível definir um número de 81 recipientes.

Os 59 fragmentos de bordo provenientes de U.E. 3, que correspondem a cerca de 28% do conjunto, são originários, na sua maioria, da base desta camada, na área sobreposta a U.E. 4, confirmando a densidade artefactual registada nessa bolsa de materiais.

No campo das formas verifica-se um equilíbrio aparente entre formas abertas (Fig. 9), e formas fechadas (Fig. 10), que são, no entanto em número superior, correspondendo a cerca de 27% dos recipientes.

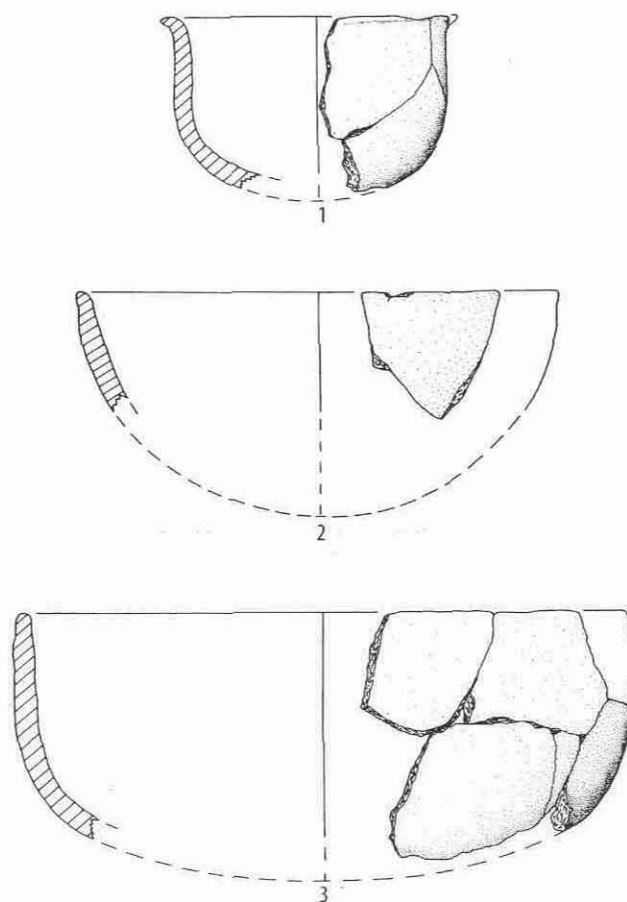


Fig. 9 Recipientes abertos de FE-LC2.

0 5 10 cm

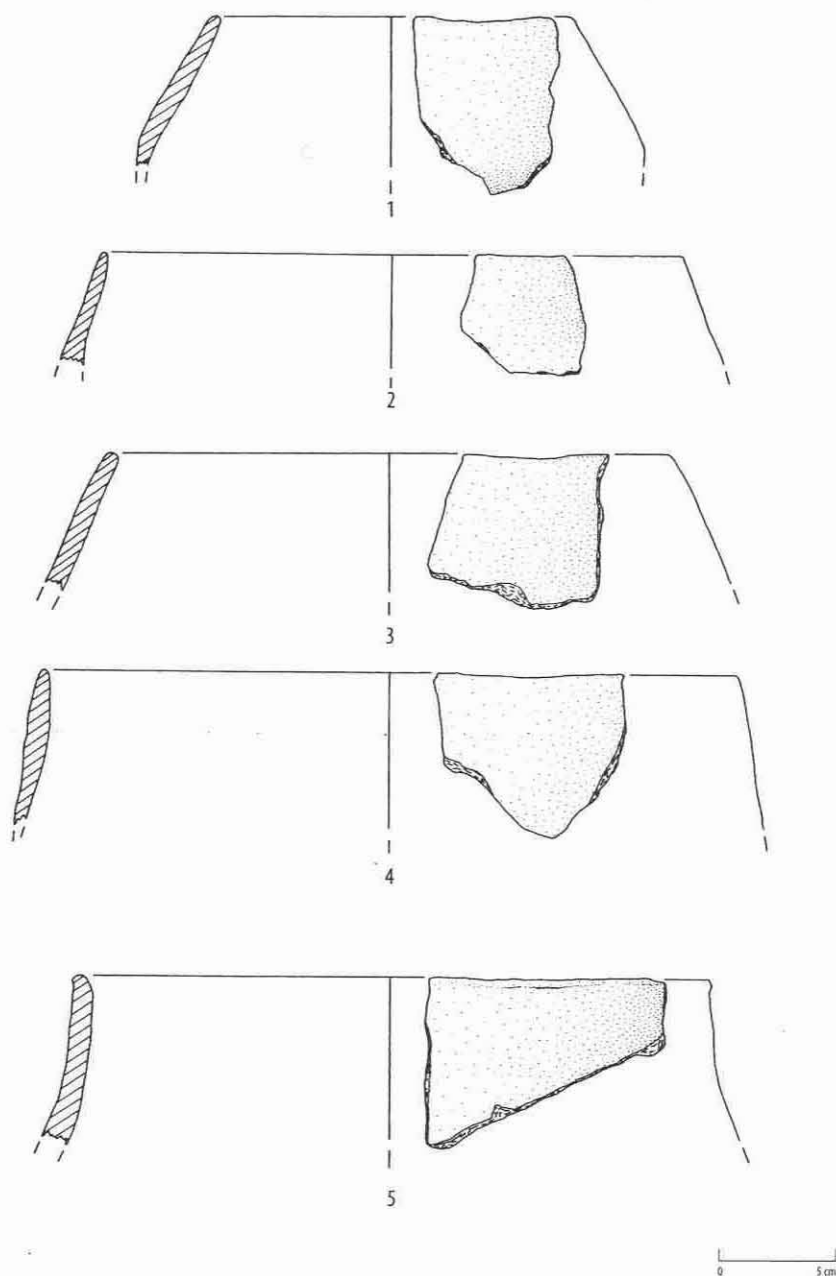


Fig. 10 Recipientes fechados de FE-LC2.

No conjunto das formas fechadas, e quando é possível atingir a morfologia parcial da peça, têm um peso significativo os esféricos altos, de paredes reentrantes, por vezes mamilados. Registam-se, ainda, taças em calote fechadas, e um vaso de corpo superior troncocónico.

Nas formas abertas identificam-se taças em calote e tigelas, por vezes mamiladas.

As formas carenadas (Figs. 11-14), frequentemente interpretadas com fósil-director do Neolítico final, correspondem a cerca de 8 % dos recipientes analisados, percentagem que não inclui os bojos carenados. Dada a raridade de análises que contabilizem os materiais arqueológicos identificados não é possível atribuir a este valor um significado conclusivo, no entanto

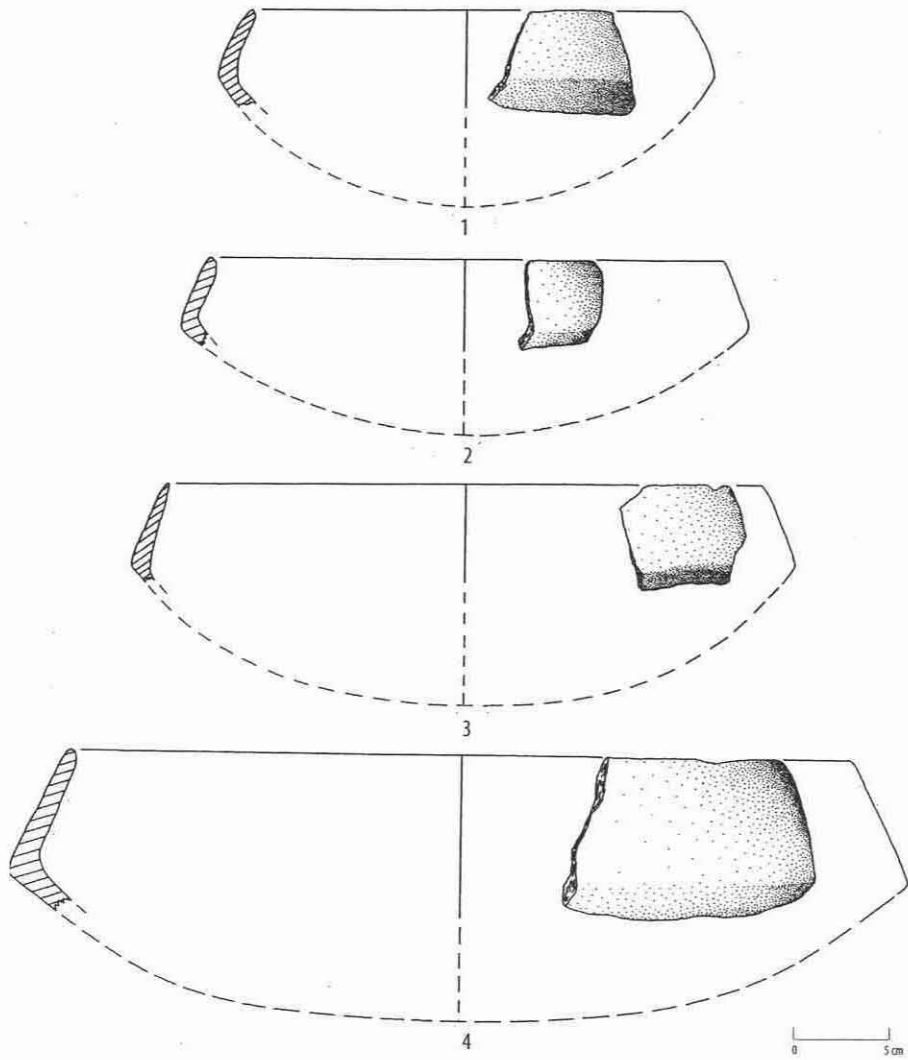


Fig. 11 Recipientes carenados de FE-LC2.

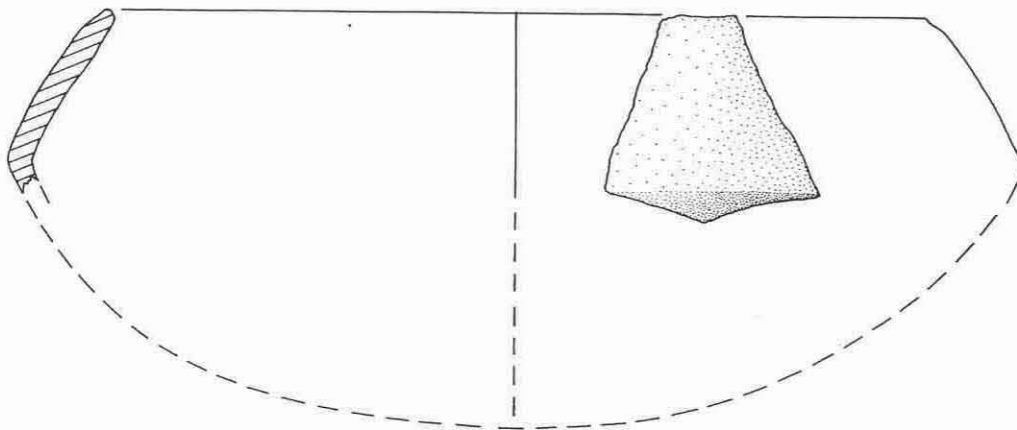


Fig. 12 Recipiente carenado de FE-LC2.

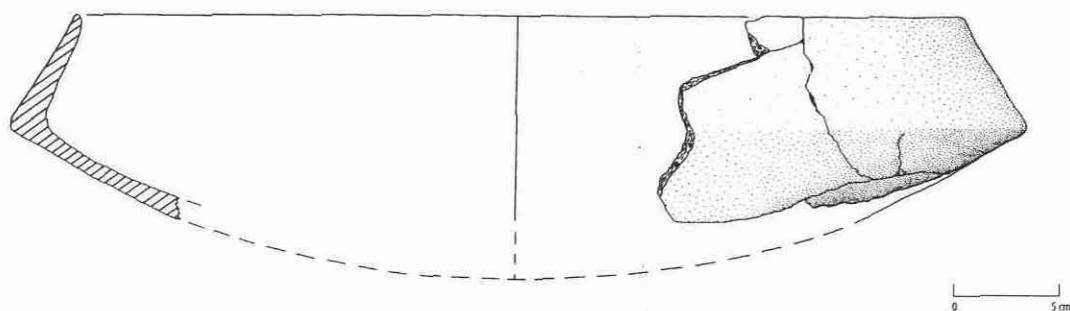


Fig. 13 Recipiente carenado de FE-LC2.

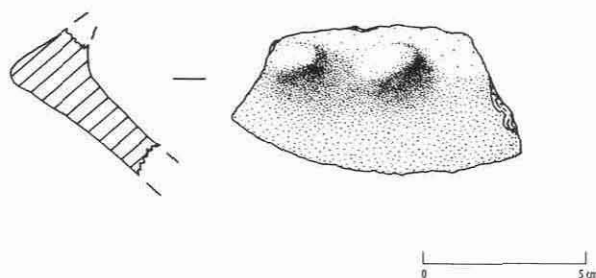


Fig. 14 Carena com mamilos emparelhados de FE-LC2.

parece ser um valor reduzido quando confrontado com a percentagem de 20% de recipientes carenados provenientes do povoado de TESP3 (Gonçalves, 1990/91, p. 66).

Os fragmentos analisados tendem a não apresentar espessamento da parede ao nível da carena, nos casos em que se verifica este espessamento ele é sempre pouco acentuado.

O conjunto menos significativo parece ser o dos vasos de paredes rectas, com apenas 14 exemplares identificados. Foi recolhido apenas um vaso de colo pronunciado.

Os materiais decorados representam cerca de 4% dos fragmentos recolhidos, valor que é compatível com um momento terminal do Neolítico. Não é, neste momento, possível por desconhecimento de contextos de *habitat* do Neolítico médio, interpretar o significado cultural desta percentagem. Baixa percentagem que pode traduzir o vestígio de uma tradição antiga, ou ao invés o retomar de uma prática ausente no Neolítico médio, transformando-se assim numa característica própria dos conjuntos do Neolítico final.

A decoração mais frequente consiste na incisão de linhas paralelas de distintas espessuras e profundidades, que num exemplar se apresentam como verdadeiras caneluras. Os fragmentos impressos de superfície apresentam ambos um motivo semelhante, a aplicação de uma matriz sub-retangular, pela totalidade do bojo conservado. O fragmento impresso, recolhido em escavação, apresenta um motivo incompleto, podendo-se observar a impressão de uma fina matriz circular formando duas linhas paralelas, oblíquas entre si.

Foram recolhidos dois fragmentos com cordão plástico, no bojo, e um único bordo decorado que apresenta um motivo composto, uma fiada de impressões em cunha junto ao bordo, limitadas por uma linha incisa, e duas fiadas da mesma matriz no bojo (Figs. 15 e 16).

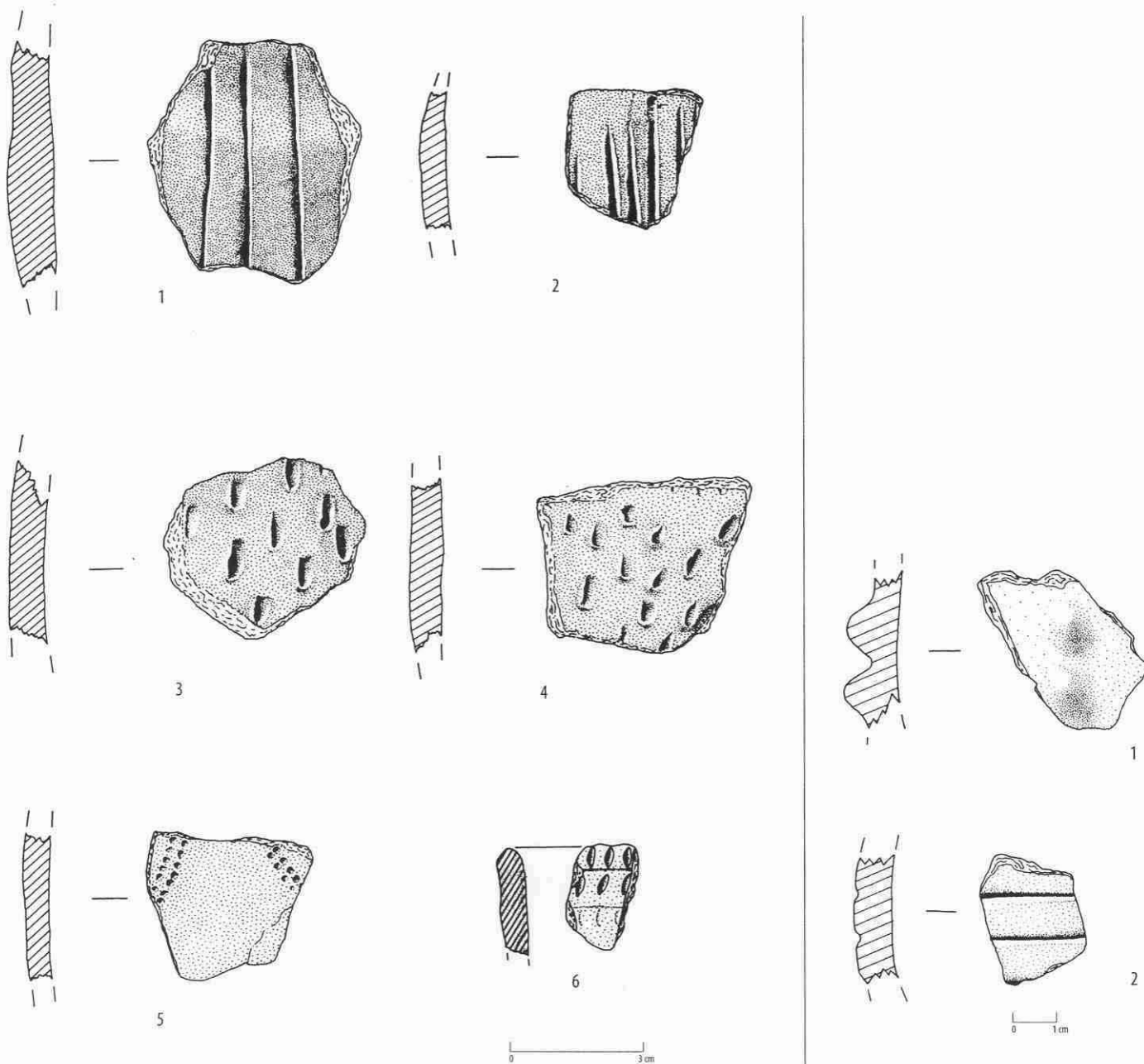


Fig. 15 Fragmentos de bojos e bordo decorado, nº 3-4 de superfície, nº 6 de FE-LC1.

Fig. 16 Bojo com mamilos emparelhados e bojo com caneluras de FE-LC2.

A aplicação de mamilos regista-se em 12% dos fragmentos analisados, tendo sido excluídos deste cálculo os mamilos isolados. A presença de mamilos, aplicados, maioritariamente, sobre esféricos altos de paredes reentrantes, associados a taças carenadas parecer ser outra característica própria dos conjuntos cerâmicos do Neolítico final do Sul de Portugal (Figs. 17 e 18).

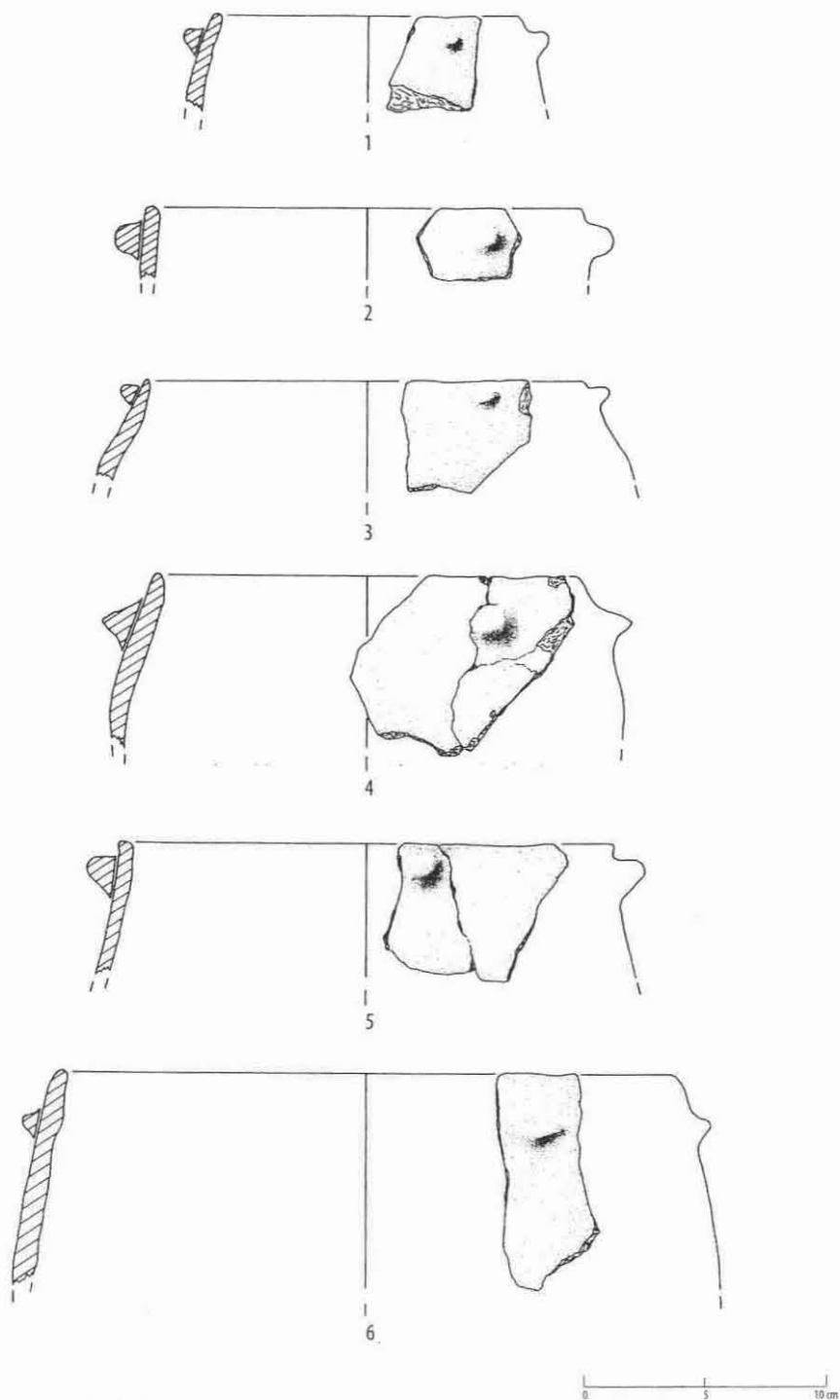


Fig. 17 Recipientes mamilados de FE-LC2.

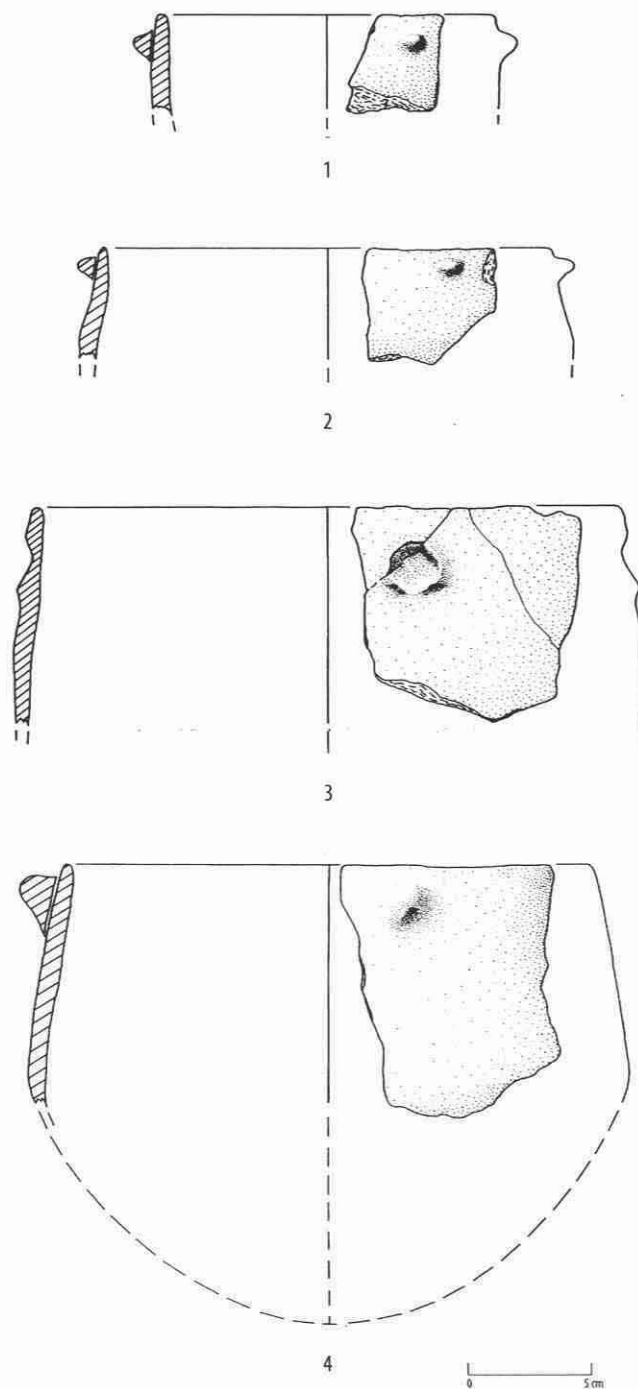


Fig. 18 Recipientes mamilados de FE-LC2.

A ausência no inventário de formas tipo prato, confirmaria, numa perspectiva tipológica, a cronologia que se avança para a ocupação da Foz do Enxóe, no entanto parece mais significativa a total ausência de bordos espessados, em qualquer uma das suas variantes, ponto a que voltaremos adiante.

6.1.2. Análise dos elementos não-plásticos

Foi efectuada a análise mineralógica, à lupa binocular, das argilas tendo em vista a identificação dos elementos não-plásticos das pastas cerâmicas, e a localização dos possíveis barreiros de origem.

O trabalho realizado permite afirmar que a maior parte dos fragmentos analisados, 251, foram produzidos a partir de pastas provenientes de barreiros cuja localização poderá ser imediata em relação ao povoado.

A análise dos elementos não-plásticos atestou a exploração de um número mínimo de três barreiros locais que apresentam as seguintes características litológicas:

Barreiro 1 - elementos não-plásticos presentes: quartzo, quartzito, anfíbolos, piroxenas, mica castanha/preta e gabros;

Barreiro 2 - elementos não-plásticos presentes: quartzo, fragmentos de mármore, massas de rochas máficas esmagadas e mal homogeneizadas na pasta, mica branca;

Barreiro 3 - elementos não-plásticos presentes: quartzo quase exclusivamente, mica branca, ausência ou presença vestigial de rochas máficas.

Este barreiro situar-se-á provavelmente nas proximidades de uma linha de água, dada a quase total ausência de outros elementos não-plásticos para além do quartzo.

Foi igualmente detectada, através da presença de sete fragmentos, a exploração de barreiros em Série Negra, que podem ser encontrados a 750 m para SE do povoado da Foz do Enxóe.

Barreiros em Série Negra - elementos não-plásticos presentes: quartzo, quartzito negro, micaxistos biotíticos, anfíbolitos, anfíbolos, mica castanha/preta.

Da totalidade dos fragmentos analisados, três apresentam pastas de origem não-local. Os elementos não-plásticos identificados: quartzo, quartzito, fragmentos de mármore, fragmentos de xisto, anfíbolos, anfíbolitos, asbestos e wolastonites, fragmentos de micaxistos, gnaisses, mica castanha/preta, apontam como local de proveniência destes materiais, a região da base da falha Vidigueira-Moura, a cerca de 30 Km do sítio.

6.1.3. Objectos relacionados com o sagrado

Foram recolhidos no povoado da Foz do Enxóe quatro fragmentos de objectos cerâmicos, produzidos com argilas locais, usualmente designados como “ídolos de cornos”, e conectados com evocações do sagrado realizadas no espaço de *habitat*.

Os fragmentos exumados parecem corresponder a peças de distinta tipologia quanto à localização das perfurações. Um exemplar apresenta uma perfuração na base conservada (Fig. 19), dois fragmentos, um aparentemente oco e

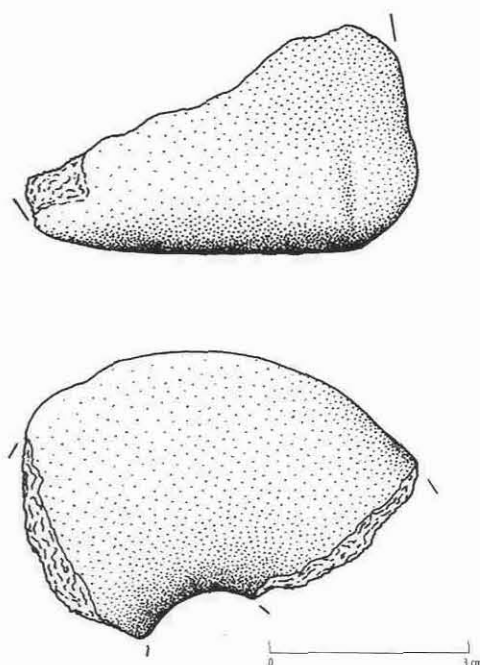


Fig. 19 Fragmento de “ídolo de cornos” com perfuração na base, de FE-LC2.

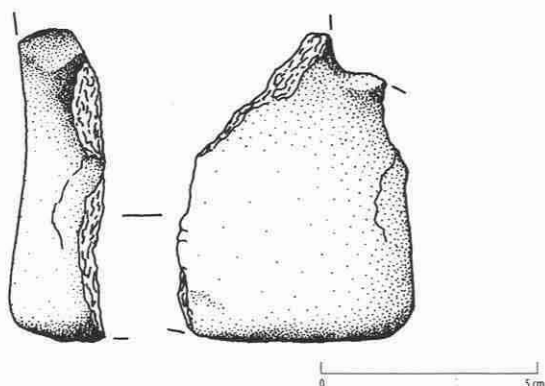


Fig. 20 Fragmento de "ídolo de cornos" com perfuração no tronco, de FE-LC2.

outro maciço, registam perfurações no tronco (Fig. 20), pertencendo o quarto fragmento ao topo de um "ídolo de cornos".

A existência de perfurações na base da peça, e a total ausência de sinais de uso nas perfurações registadas no tronco, parecem afastar estes artefactos de uma possível utilização enquanto suportes de lareira.

Quadro 7 – "Ídolos de Cornos"				
Superfície	FE-LC1	FE-LC2 U.E.1/2	FE-LC2 U.E.3	FE-LC2 U.E.4
1	-	-	2	1

6.1.4. "Pesos de tear"

Não foi identificado, até ao momento, qualquer fragmento cerâmico que possa ser integrado nas categorias usualmente definidas para "pesos de tear" do Neolítico final-Calcolítico do Sul de Portugal. Esta ausência poderá estar relacionada com a existência no povoado de áreas funcionais específicas que não teriam ainda sido escavadas.

No entanto, a recolha em superfície de fragmentos de espessos crescentes cerâmicos, com uma perfuração na extremidade conservada, e secções circulares da ordem dos 3 cm, pode indicar a utilização no sítio de "pesos de tear" pertencentes a outro quadro tipológico-funcional, distinto dos já conhecidos para o Sudoeste peninsular.

6.1.5. Cerâmica de revestimento

Foram recolhidos em FE-LC1, incorporando a estrutura definida como U.E.3, e em FE-LC2 na U.E.4, pequenos nódulos de cerâmica de revestimento, certamente provenientes de estruturas de habitação construídas em materiais perecíveis e impermeabilizadas com argila.

6.2. Material Lítico

A partir do material lítico recolhido na Foz do Enxoé criaram-se para efeitos de análise dois conjuntos distintos, um primeiro que englobava lascas, lâminas e lamelas, transformadas ou não em utensílios, restos de talhe, núcleos e peças inclassificáveis, obtidas a partir de diferentes matérias-primas, e um segundo conjunto constituído exclusivamente por materiais de quartzito de feição macrolítica.

6.2.1. Pedra Lascada

O primeiro conjunto foi genericamente designado como Indústria Lítica - Pedra Lascada, sendo composto por 79 peças, das quais seis foram consideradas indeterminadas, e excluídas desta análise.

A caracterização tipológica deste conjunto destinava-se a averiguar da existência de talhe no local, quais os objectivos prioritários desse talhe, o grau de transformação de suportes em utensílios e através da identificação das matérias-primas utilizadas, e das suas áreas de origem, detectar utilização preferencial de alguns materiais e a área de exploração de recursos líticos (Figs. 21-23).

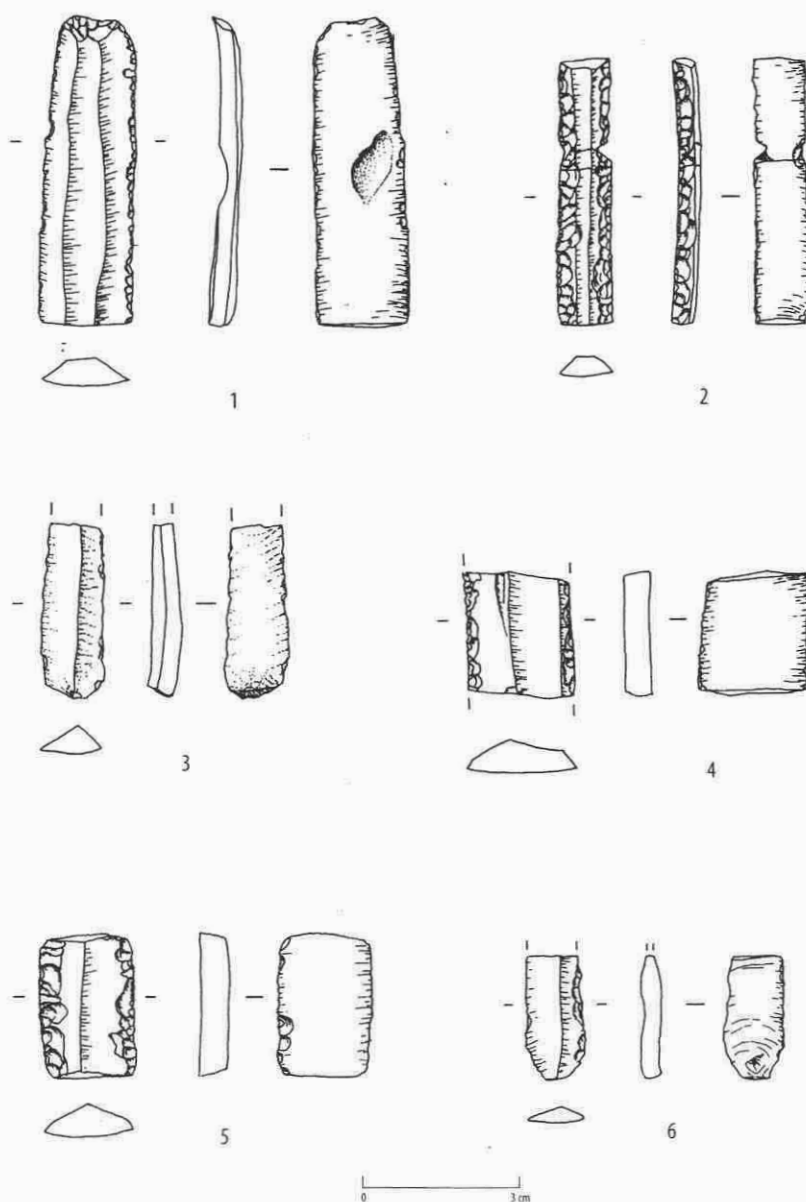


Fig. 21 Indústria de pedra lascada de FE-LC2: n°1. lâmina retocada, em sílex; n° 2, lamela retocada em quartzito; n° 3. lamela com traços de utilização em quartzito; n° 6. lamela retocada em calcadónia; n° 4. lâmina retocada em quartzito, de FE-LC1; n° 5. lâmina retocada em quartzito, de superfície.

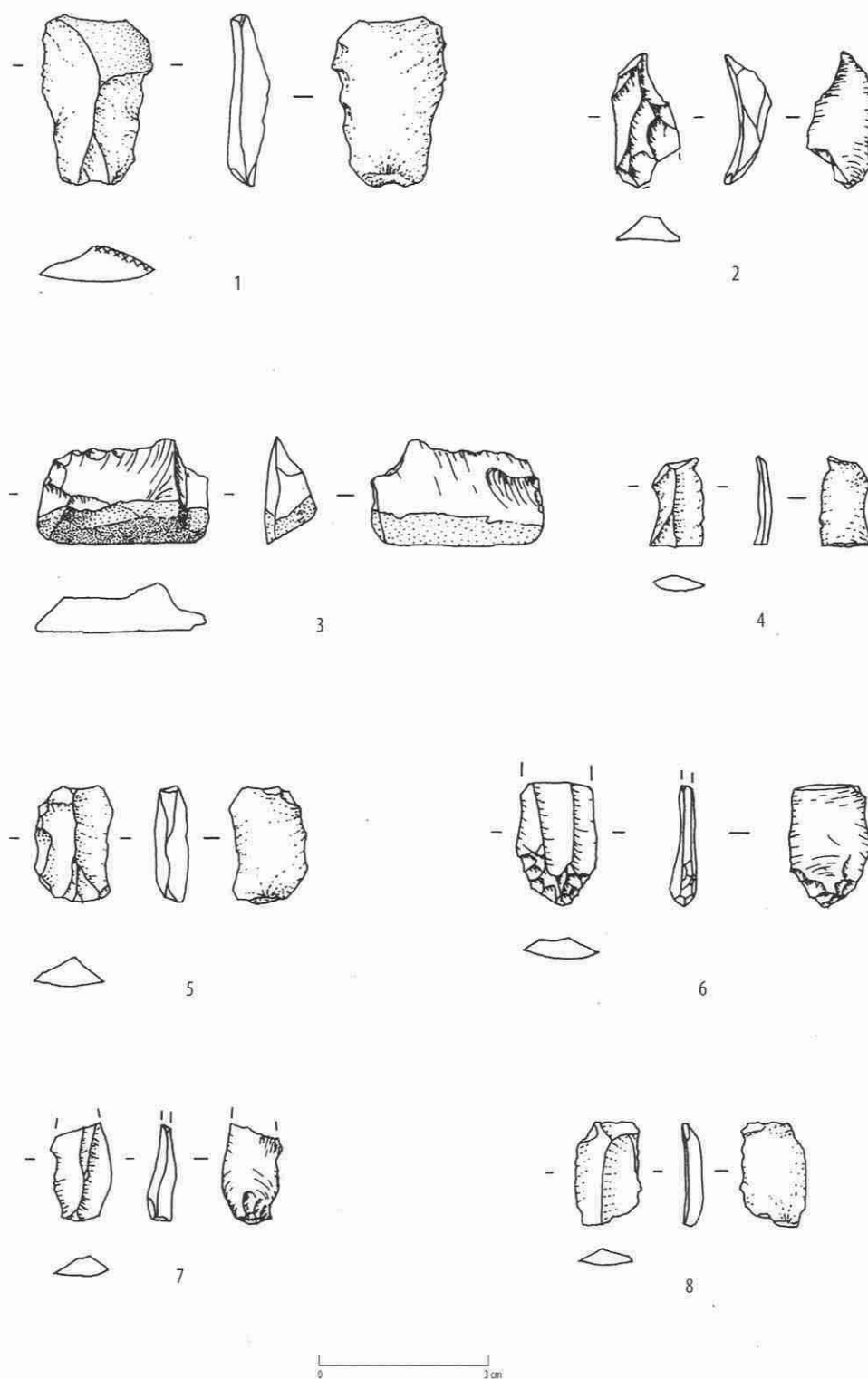


Fig. 22 Indústria de pedra lascada de FE-LC2: n° 1. lasca com traços de utilização em quartzo; n° 2. peça de crista em sílex; n° 3. utensílio sobre lâmina semi-cortical de sílex; n° 4. lamela de quartzo; n° 5. lamela retocada de quartzo; n° 6. lâmina retocada para encabamento (?), em lidito, n° 7. lamela em lidito, n° 8. lamela em quartzo.

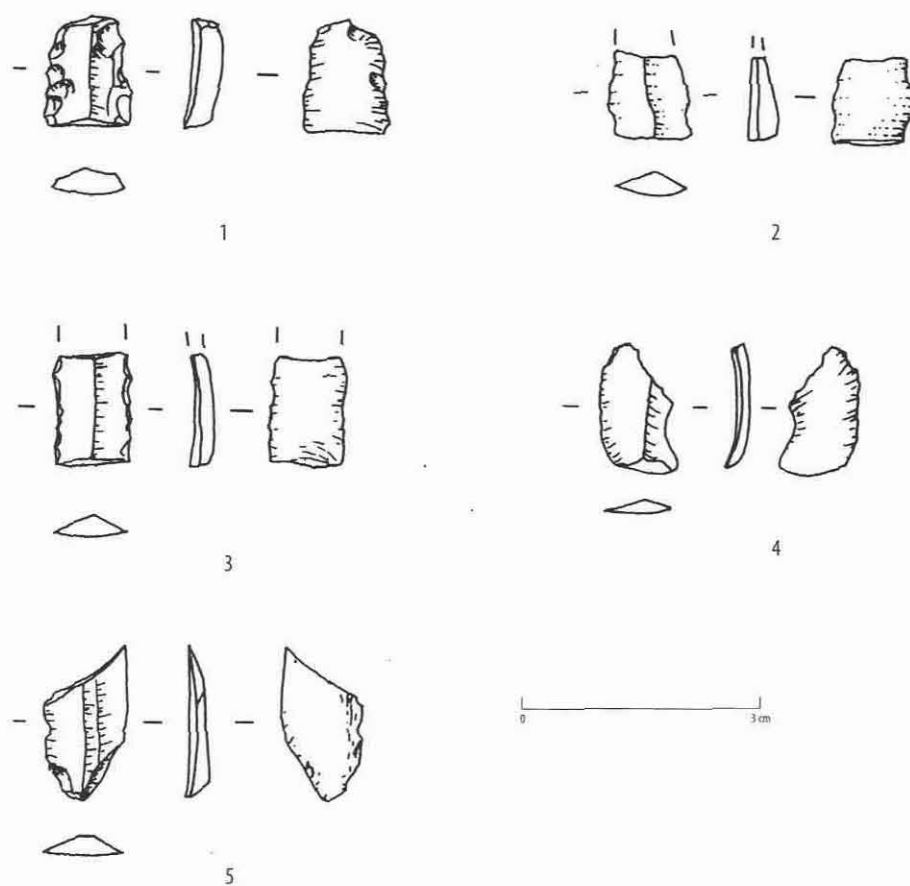


Fig. 23 Indústria de pedra lascada da Foz do Enxóe: n.º 1. lamela retocada em sílex, de superfície; n.º 2. lamela em quartzo, de FE-LC2; n.º 3. lamela com traços de utilização em quartzito, de FE-LC2; n.º 4. lamela com traços de utilização em quartzito, de FE-LC2, n.º 5. lamela com traços de utilização em quartzito, de superfície.

		Quadro 8 – Pedra Lascada - Produtos Brutos			
		Quartzo	Quartzo hialino	Quartzito	Lidito
Lascas semicorticais	FE-LC2 - U.E.3	1	-	-	-
	FE-LC2 - U.E.4	5	1	1	-
Lascas não corticais	FE-LC2 - U.E.3	2	-	-	-
	FE-LC2 - U.E.4	2	1	-	-
Lâminas não corticais	FE-LC2 - U.E.3	-	-	-	-
	FE-LC2 - U.E.4	-	-	-	1
Lamelas semicorticais	FE-LC1	1	1	-	-
	FE-LC2U.E.4	1	-	-	-
Lamelas não corticais	FE-LC1	-	-	1	-
	FE-LC2 - U.E.3	4	-	-	-
	FE-LC2 - U.E.4	6	-	1	-

		Quadro 9 – Utensílios					
		<i>Sílex</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzo hialino</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Lidito</i>	<i>Calcedónia</i>
Sobre lasca	Superfície	-	-	-	1	-	-
	FE-LC1	-	1	-	2	-	-
	FE-LC2 U.E.3	-	2	-	-	-	-
Sobre lâmina	Superfície	-	-	-	1	-	-
	FE-LC2 U.E.3	-	-	-	1	-	-
	FE-LC2 U.E.4	2	-	-	1	1	-
Sobre lamela	Superfície	1	1	-	1	-	-
	FE-LC2 U.E.1/2	-	1	-	1	-	-
	FE-LC2 U.E.3	-	3	1	2	1	-
	FE-LC2 U.E.4	-	3	1	1	-	1

		Quadro 10 – Núcleos e restos de talhe					
		<i>Sílex</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzo hialino</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Lidito</i>	<i>Calcedónia</i>
Núcleos	FE-LC1	-	2	-	-	-	-
	FE-LC2 U.E. 1/2	-	-	1	-	-	-
	FE-LC2 U.E.3	-	4	1	-	-	-
Restos de talhe	FE-LC1	-	-	-	-	1	1
	FE-LC2 U.E.4	2	1	-	1	-	-

		Quadro 11 – Largura dos produtos alongados	
	6 - 7.9 mm		4
	8 - 9.9 mm		11
	10 - 11.9 mm		18
	12 - 13.9 mm		2
	14 - 15.9 mm		
	16 - 17.9 mm		4
	18 - 19.9 mm		1

A análise dos quadros apresentados permite identificar algumas das principais características da indústria de pedra lascada recolhida no povoado da Foz do Enxó. O conjunto apresenta um equilíbrio entre as peças classificadas como produtos brutos e as interpretadas como utensílios.

Trata-se, no entanto de uma indústria expedita e pouco elaborada utilizando matérias-primas locais, que constituem 92 % das ocorrências. No grupo dos utensílios são claramente minoritárias as peças retocadas, três lamelas e cinco lâminas, apresentando 22 peças apenas traços de utilização.

Os produtos brutos, provenientes de distintas etapas de exploração do núcleo, produtos semi-corticais e não corticais, são maioritariamente em quartzo, 22 numa total de 29 presenças, situação que se inverte quando analisamos os utensílios, estão presentes apenas 11 utensílios em quartzo e igual número em quartzito. O sílex, que representa 8 % das matérias-primas empregues, foi seleccionado integralmente para a produção de utensílios.

O quartzo foi utilizado exclusivamente para a produção de pequenas lascas e lamelas, situação compatível com os núcleos recolhidos, e representa 55% das matérias-primas dos produtos de debitage.

Um quartzito de grão muito fino com propriedades de talhe semelhantes ao sílex, foi explorado para obtenção de lascas, lâminas e lamelas, que perfazem 23% dos produtos de debitage.

Analisando a tipologia de suportes e utensílios, podemos concluir que se trata de um conjunto com forte componente lamelar, de entre os produtos alongados, com 40 registos, 33 pertencem a lamelas, apresentando as lâminas largas muito inferiores às verificadas em contextos calcolíticos do Sul de Portugal (Carvalho, 1998, p. 44).

Num total de 33 lamelas recolhidas, 15 correspondem a produtos brutos e 16 a utensílios expeditos, com traços de utilização, verificando-se apenas em três casos a existência de retoque, rasante e marginal numa lamela de sílex, numa de calcedónia, e abrupto e marginal numa lamela de quartzito.

Ao contrário, as lâminas que representam um conjunto de seis artefactos, apresentam um índice superior de transformação em utensílios elaborados, cinco exemplares apresentam retoque, em três casos rasante, em dois abrupto e sempre marginal, e apenas um exemplar regista sinais de utilização.

Os núcleos recolhidos, exclusivamente em quartzo ou quartzo hialino, são de pequenas dimensões, morfologicamente atípicos, com extracções finais que apontam para a obtenção de lamelas ou lascas-esquírolas com menos de 3 cm de comprimento. A ausência de núcleos de lâminas pode justificar-se pelas reduzidas dimensões da área até ao momento escavada, ou porque estes produtos são introduzidos no sítio enquanto peças acabadas.

Apesar do reduzido número de núcleos, os restos de talhe, inclusivamente de sílex, a única matéria-prima não local, atestam o fabrico da utensilagem lítica no povoado.

As restantes matérias-primas utilizadas, quartzo, quartzo hialino, quartzito, lidito e calcedónia, podem ser encontradas na área ocupada pelo povoado da Foz do Enxóe, quer como elementos clásticos do depósito de terraço fluvial, quer como clastos provenientes do substrato geológico local.

6.2.2. Indústria macrolítica sobre quartzito

Foram reunidos sob a designação indústria macrolítica sobre quartzito 73 peças, que, integrando o conjunto dos materiais em pedra lascada, apresentavam, no entanto, atributos comuns que permitiam a sua individualização no interior desse grupo mais vasto.

Os produtos macrolíticos são realizados exclusivamente a partir de quartzito de grão grosseiro, matéria-prima existente no terraço fluvial da Foz do Enxóe, e pouco apta para o talhe, o que justifica o número de acidentes de Siret, identificados no conjunto das lascas.

O objectivo final desta produção consiste na obtenção de lascas robustas, empregues como utensílios *a posteriori*, uma vez que nenhuma das 51 lascas se encontra retocada.

A percentagem de lascas corticais e semi-corticais, cerca de 65% do conjunto, pode traduzir um baixo índice de exploração dos núcleos, pouco valorizados dada a abundância desta matéria-prima no local.

O número de talões corticais identificados, 34, que demonstram a utilização da superfície do seixo de quartzito como plataforma de percussão, parece ser outro indicador próprio das indústrias de baixa resolução tecnológica.

Num total de seis núcleos recuperados, cinco são núcleos sobre seixo ou calote de seixo e apenas um é um núcleo sobre lasca. As dimensões dos últimos levantamentos realizados sobre

estes núcleos são compatíveis com as lascas de menores dimensões recolhidas no sítio, com valores médios que rondam os 31 mm x 19 mm x 6 mm.

Não se encontraram núcleos que possam estar na origem de lascas de dimensões médias e grandes, com valores respectivos da ordem dos 40 mm x 28 mm x 11 mm, e dos 55 mm x 35 mm x 14 mm, categorias empiricamente definidas numa primeira análise dos materiais e que podem corresponder a distintos objectivos funcionais.

Integram, ainda o conjunto de materiais macrolíticos, cinco seixos que apresentam sinais de esmagamento localizado, classificados como percutores, e um “peso de rede” recolhido à superfície (Fig. 24).

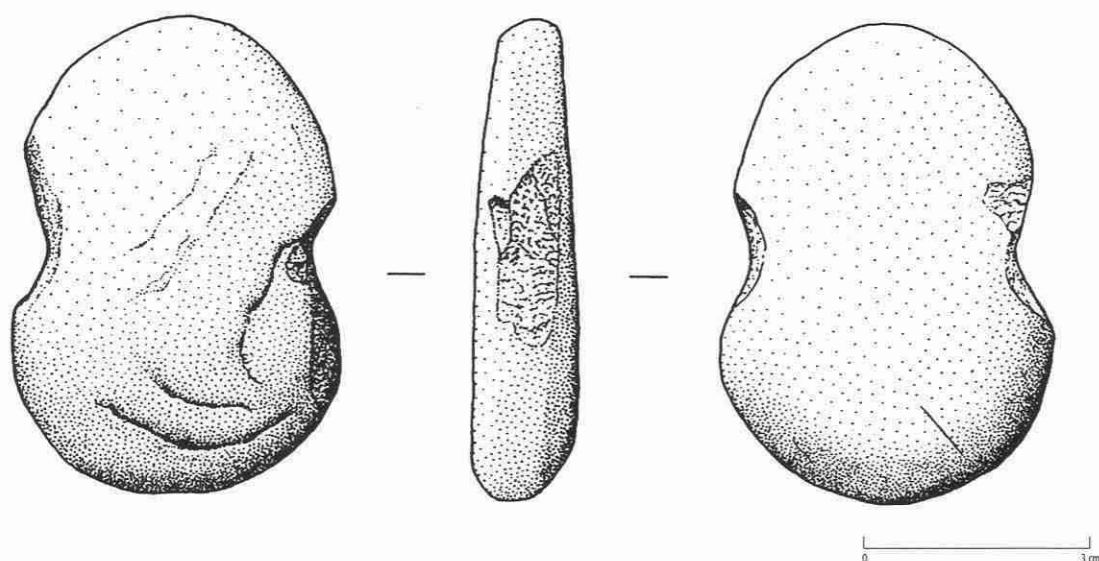


Fig. 24 “Peso de rede”, de superfície.

Quadro 12 – Indústria macrolítica sobre quartzito

	<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2 U.E. 1/2</i>	<i>FE-LC2 U.E. 3</i>	<i>FE-LC2 U.E. 4</i>
Lascas corticais	-	3	-	2	-
Lascas semi-corticais	6	12	-	7	3
Lascas simples	1	8	1	6	2
Núcleos sobre seixo	-	1	-	-	4
Núcleos sobre lasca	-	-	-	-	1
“Pesos de rede”	1	-	-	-	-
Percutores	2	1	-	1	1
Detritos	3	5	-	2	1

Quadro 13 – Talões das lascas

	<i>Superfície</i>	<i>FE-LC1</i>	<i>FE-LC2 U.E. 1/2</i>	<i>FE-LC2 U.E. 3</i>	<i>FE-LC2 U.E. 4</i>
Corticais	5	14	1	10	4
Simples	2	9	-	4	1

7. Análises faunísticas

Os restos faunísticos recolhidos no povoado da Foz do Enxoé, provêm exclusivamente da U.E. 4. Trata-se de um pequeno conjunto, muito fragmentado, composto na sua maioria por esquirolas, apresentando os ossos com frequência sinais de fogo muito intenso, existindo mesmo alguns exemplares carbonizados.

Não foi possível dada a exiguidade, e o mau estado de conservação, do conjunto tentar qualquer tipo de abordagem quantitativa, no entanto a presença de alguns dentes isolados e de fragmentos de mandíbulas permitiu identificar algumas das espécies exploradas, e verificar o esartejamento local de animais domésticos e fauna selvagem.

Está atestada a presença de *Cervus elaphus*, *Bos taurus*, um exemplar subadulto de pequenas dimensões, e *Ovis* ou *Capra*, num inventário que não traduz certamente a totalidade dos espécies consumidas. De entre o conjunto de ossos recolhidos encontram-se fragmentos de dimensões e morfologia compatíveis com as espécies referidas.

Os dados obtidos, ainda que escassos, permitem iniciar a caracterização da estratégia de obtenção de recursos, desenvolvida por esta comunidade neolítica, que associa a actividades pastoris, a caça enquanto fonte de proteína animal e de matérias-primas.

8. Interpretação funcional

Interpretar as funcionalidades múltiplas que estão sempre associadas a um espaço habitacional poderá exigir um conjunto de dados, quantitativa e qualitativamente, mais diversificado do que aquele que foi recolhido, até ao momento, no povoado da Foz do Enxoé.

Analisando os resultados das escavações realizadas verifica-se que o espaço arqueologicamente significativo concentra-se na U.E. 4 e na base da U.E. 3. No entanto, e sem prejuízo de posteriores leituras alternativas, considera-se a informação obtida suficiente para criar um primeiro quadro interpretativo.

O povoado da Foz do Enxoé apresenta um conjunto de características que, de forma quase paradigmática, poderiam ser utilizadas para definir uma etapa final do Neolítico, num momento anterior à Revolução dos Produtos Secundários (Sherrat, 1981).

A implantação espacial do sítio e a não identificação, até à data, de qualquer tipo de estrutura defensiva traduzem uma aparente ausência de preocupações de natureza defensiva ou de controle territorial.

A reduzida dimensão do sítio, que na totalidade pouco ultrapassa o 0.5 ha, é compatível com o estabelecimento de um pequeno núcleo populacional, aparentemente autónomo no que respeita a obtenção de recursos e da quase totalidade das matérias-primas utilizadas, mas que integra redes de povoamento alargadas, atestadas pela existência no povoado de artefactos de dispersão supra-regional.

A presença de fragmentos de recipientes cerâmicos fabricados em argilas da região Vidigueira-Moura traduz o estabelecimento de contactos e a circulação de produtos, em esquemas de intercâmbios ainda não definidos, entre grupos estabelecidos ao longo da bacia do Guadiana.

O sílex, a única matéria-prima lítica não-local, terá sido introduzido no povoado, possivelmente, no âmbito das relações com o “exterior”, que permitiriam também a estas comunidades as necessárias trocas de material genético.

Outros componentes da cultura material, nomeadamente as taças carenadas e os fragmentos de “ídolos de cornos”, fabricados em argilas locais, constituem elementos suficientes para ins-

crever esta ocupação numa estrutura cultural mais vasta, que ocupa o Sudoeste peninsular, ao longo do Neolítico final e Calcolítico.

É, assim, possível integrar o povoado da Foz do Enxoé num cenário aberto, por onde circulam certamente indivíduos, ideias, matérias-primas e artefactos.

Analisando, no entanto, os dados que permitem caracterizar o sub-sistema económico verifica-se o desenvolvimento de uma estratégia de exploração do espaço que permite, no quadro de uma economia mista não especializada, a aparente autonomia do sítio.

A partir do sítio da Foz do Enxoé, e ainda que não existam evidências directas, é possível desenvolver uma agricultura em pequena escala, utilizando os solos de tipo C que rodeiam o sítio. A raridade do material em pedra polida, situação que se verifica em outros sítios neolíticos, e a ausência no espólio recolhido de recipientes de grandes dimensões, destinados à armazenagem, podem indicar o papel secundário da actividade agrícola, no conjunto das práticas de subsistência.

A pesca, no Guadiana ou na ribeira do Enxoé, terá sido certamente praticada, apesar de no sítio ter sido apenas recolhido um seixo com entalhes laterais, artefacto que é correntemente interpretado como “peso de rede”. Se as espécies piscícolas domiciliadas, inventariadas nos finais do passado século, de alguma forma traduzem a realidade pré-histórica, poder-se-ia ter registado a pesca, entre outros, de barbos e bogas de Outubro a Maio (Silva, 1891, p. 53-54).

A caça e a pastorícia estão directamente atestadas pela presença de veado, boi e ovelha ou cabra, demonstrando assim a manutenção das estratégias tradicionais de obtenção de proteína animal.

O inventário das matérias-primas utilizadas, na produção de artefactos líticos e cerâmicos, traduz uma exploração exaustiva de recursos locais, que podem ser encontrados no povoado ou nas suas imediações, num raio que se estabelece muito aquém dos 5 Km admitidos para os territórios de captação das sociedades agro-pastoris.

A complementaridade de recursos passíveis de exploração permitiu certamente a ocupação continuada deste local por comunidades neolíticas que estabelecem e exploram círculos de distintas amplitudes e funcionalidades diferenciadas, que permitem a manutenção da sua existência social.

9. Enquadramento cronológico e cultural

Não existindo, neste momento, datações absolutas disponíveis para o povoado da Foz do Enxoé é em torno da análise dos elementos da cultura material que pode ser iniciada a discussão acerca da integração cronológica e interpretação cultural desta ocupação pré-histórica.

O conjunto artefactual proveniente da Foz do Enxoé apresenta componentes que o aproximam de espólios recolhidos em sítios do Sul de Portugal, que têm sido atribuídos a um momento de transição entre o Neolítico final e o Calcolítico.

No entanto, a ausência de alguns fósseis-directores desta etapa permite admitir significados alternativos, cronológicos ou culturais, que justifiquem os dados artefactuais recolhidos na Foz do Enxoé.

Procurou-se, então, sistematizar informação proveniente de alguns povoados do Sul de Portugal, para tornar evidente a possibilidade de, perante as evidências disponíveis, construir cenários interpretativos diferenciados.

No quadro apresentam-se apenas alguns dos materiais recolhidos nos sítios que, apesar de todas as limitações inerentes ao conceito, assumem um estatuto de fósseis-director.

No quadro são incluídos apenas povoados cuja ocupação remonte, ainda que em cronologia relativa, ao Neolítico final e Calcolítico inicial, ou que em anos de calendário tenham sido

ocupados ao longo do 4º milénio a.C. A integração dos sítios listados num momento específico da diacronia pré-histórica é da responsabilidade dos autores citados.

Quadro 14 – Sítios, artefactos e cronologias

<i>Sítio</i>	<i>Materiais Cerâmicos</i>	<i>Cronologia</i>
Igreja Velha de S. Jorge (Serpa) (1)	Taças carenadas, c. mamilada. Ausência de pratos e de cerâmicas com espessamento ao nível do bordo.	Neolítico tardio. OxA-5443 – 4540 ± 60 BP 3376-3034 cal BC 2 σ (nível 4A)
Possanco (Grândola) (2)	Taças carenadas, c. mamilada. Ausência de pratos e de cerâmicas com espessamento ao nível do bordo. Decorações: triângulos incisos com pontuações no interior. Estatueta antropomórfica e corno em cerâmica.	CSIC - 653 - 4270 BP ±50- 3011-2699 cal BC 2 σ (Comporta III) Neolítico final (2')
Marco dos Albardeiros (R. Monsaraz) (3)	Taças carenadas, c. mamilada, taça de bordo espessado. Ausência de pratos.	Neolítico final / Calcolítico inicial
Outeiro das Carapinhas ¹ (R. Monsaraz) (3)	Taças carenadas, c. mamilada, taças de bordo espessado. Pratos com e sem espessamento do bordo.	Neolítico final / Calcolítico
Cabeço da Mina (Alvito) (4)	Taças carenadas, c. mamilada, taças de bordo espessado. Ausência de pratos de bordo espessado.	Calcolítico inicial
Vale Pincel II (Sines) (4)	Taças carenadas, c. mamilada, taças de bordo espessado. Ausência de pratos de bordo espessado. Peça corniforme.	Calcolítico inicial
Barrisqueira (R. Monsaraz) (5)	Taças carenadas, c. mamilada, taças de bordo espessado. Pratos de bordo espessado.	Calcolítico
Sala n.º 1 (níveis 4, 5, 6) (Vidigueira) (5)	Taças carenadas, c. mamilada, e pratos de bordo espessado. Decoração: impressa, incisa, pintada. "Ídolos de cornos" e estatuetas masculinas em terracota.	ICEN - 444: 4490 ±100 BP- 3502 - 2910 cal BC 2 σ (nível 6) ICEN - 445: 4490 ± 80 BP- 3491 -2920 cal BC 2 σ (nível 5) ICEN - 447: 4490 ± 110 BP- 3510 -2910 cal BC 2 σ (nível 4)
S. Brás 1 (Serpa) (6)	Taças carenadas, c. mamilada, taças de bordo espessado. Pratos de bordo espessado.	Calcolítico pleno ICEN - 44: 4410 ± 140 BP - 3500 - 2630 cal BC 2 σ ICEN - 43: 4480 ± 60 BP - 3360 - 2920 cal BC 2 σ
TESP3 (R. Monsaraz) (7)	Taças carenadas, c. mamilada, taças de bordo espessado. Pratos de bordo espessado Decorações: cordões plásticos incisões, impressões. Corniformes, ídolos de cornos.	Neolítico final e Calcolítico Datação absoluta, ainda não publicada, intervalo de tempo da 1ª metade do 3º milénio a.C.(7')
Xarez 12 (R. Monsaraz) (8)	Taça carenada, vestígios escassos de arqueometalurgia.	Calcolítico inicial Última fase de ocupação

1 (Soares, 1996, p. 51-58), 2 - (Silva et al., 1986, p. 63-79), 2' - (Soares e Cabral, 1993, Est. IV), 3 - (Soares e Silva, 1992), 4 - (Silva e Soares, 1976-77, p. 184-223), 5 - (Gonçalves, 1987, p. 13-16), 6 - Soares e Cabral, 1993, Est. I), 7 - (Gonçalves, 1990-1991, p. 65), 7' - (Gonçalves e Sousa, 1997, p. 610), 8 - informação pessoal de Victor Gonçalves.

Da análise do Quadro 14 torna-se evidente que tal como no povoado da Foz do Enxoé, na estrutura neolítica do sítio da Igreja de São Jorge, e no concheiro do Possanco estão ausentes as taças de bordo espessado, recipiente que associado a taças carenadas caracteriza o conjunto cerâmico do Neolítico final/Calcolítico inicial.

As ocupações registadas nestes sítios poderão, portanto, traduzir uma etapa ainda mal definida do Neolítico final do Sul de Portugal, e o significado desta ausência artefactual seria de carácter cronológico, opção que parece compatível com o conjunto de características apresentadas pelo sítio da Foz do Enxoé e descritas no ponto anterior.

Se é possível atribuir significado cronológico a uma seriação de conjuntos cerâmicos podia ser definido um primeiro momento do Neolítico final, onde a formas mais antigas como as taças e os esféricos se associam os recipientes carenados, e um segundo momento associado ao início do Calcolítico onde se acrescenta a este conjunto a taça de bordo espessado.

Procurar, no registo arqueológico existente, dados relativos a alterações na estratégia de implantação no espaço e exploração de recursos, que forneçam um conteúdo histórico mais amplo a estes dois momentos artefactuais que aqui se admitem, é uma linha de investigação que será brevemente desenvolvida.

Se, perante os resultados expressos no Quadro 14, se admitir a contemporaneidade de ocupações onde se regista a associação recipiente carenado - recipiente de bordo espessado, com outras em que não se constatarem bordos espessados, procurar-se-ia uma justificação de origem cultural ou funcional para a diferença verificada.

Considerar-se-ia, então a existência de grupos com distintas tradições culturais, ainda que partilhando um conjunto significativo de ideias e artefactos, justificadas pela pertença a distintos sistemas de parentesco. No entanto, admitir uma solução de natureza cultural exigia um registo arqueológico onde fossem detectadas diferenças substanciais entre os conjuntos artefactuais, situação que, analisando os elementos da cultura material, efectivamente não se verifica.

As datações absolutas disponíveis para os sítios envolvidos nesta polémica não permitem esclarecer a questão.

A data proveniente do sítio da Igreja Velha de S. Jorge, obtida a partir de uma amostra recolhida na base do enchimento de uma estrutura negativa neolítica, colocaria nos três séculos finais do quarto milénio os conjuntos artefactuais, como o recolhido na Foz do Enxoé, e caracterizados pela presença de esféricos altos mamilados, taças carenadas e uma indústria lítica de tipo lamelar.

Esta parece ser, numa primeira análise, uma adscrição cronológica não problemática, no entanto observando as datações obtidas para as ocupações registadas no povoado da Sala n.º 1, e São Brás 1, verificamos que a intervalos de tempo que se sobrepõem, relativos à segunda metade do quarto milénio, correspondem realidades culturais, ao nível dos materiais cerâmicos, das estruturas de *habitat* e tecnologias, bem diferenciadas.

Na Sala n.º 1, não apenas as taças de bordo espessado, mas inclusive, os pratos de bordo espessado estão presentes em todos os níveis detectados. A ocupação, na segunda metade do IV milénio, no povoado fortificado de S. Brás 1, apresenta também elementos diagnósticos do Calcolítico pleno, entre eles a prática da metalurgia.

A considerável diversidade artefactual que este cenário exigia, com um mínimo de três conjuntos cerâmicos distintos, manipulados por grupos integrados em distintos esquemas culturais, mas contemporâneos, estabelecidos na bacia média do Guadiana, torna, em meu entender, pouco eficazes explanações de tipo culturalista, e permite questionar o significado histórico de algumas datações absolutas.

Esta aparente contemporaneidade de sítios, do Neolítico tardio, como a Igreja Velha de S. Jorge e do Calcolítico pleno, como S. Brás 1, pode dever-se a intervalos de tempo excessivamente amplos, e portanto muito pouco precisos para datar ritmos de mudança artefactual que podem acontecer num tempo curto.

Se a investigação futura confirmar a coexistência destas ocupações, que no quadro actual do conhecimento classificaríamos em sequência, ficaria demonstrada a complexidade do cenário social em que estes grupos se movimentam. A uma distinta tipologia e funcionalidade de sítios a partir dos quais se explora um território, numa materialização de estratégias comuns a sociedades agro-pastoris e agro-metalúrgicas, acrescentariam estes grupos princípios de ordem cultural que justificariam ausências e presenças artefactuais, uma vez que critérios estritamente funcionais não parecem ser aplicáveis a morfologia de bordos.

É, portanto possível construir dois cenários alternativos em que se pode ter processado a ocupação do povoado da Foz do Enxoé.

Numa primeira hipótese o sítio traduz uma ocupação registada numa etapa concreta do Neolítico final, e a sua pequena dimensão, a ausência de especialização agrícola, a ausência de fortificações ou de controle visual do território, um repertório artefactual relativamente limitado, são elementos próprios de sociedades agro-pastoris num momento que antecede a Revolução dos Produtos Secundários.

Um outro modelo explicativo tenderia a admitir a contemporaneidade cronológica do sítio da Foz do Enxoé com outros povoados do Neolítico final - Calcolítico, atribuindo um peso significativo às datações absolutas existentes.

Nesta perspectiva a ausência de alguns elementos da cultura material, a tipologia do sítio e o seu critério de implantação e exploração de recursos, podia explicar-se pela sua integração numa hierarquia funcional de sítios que definem sobre um território um modelo de povoamento complexo, ou porque a comunidade estabelecida no povoado da Foz do Enxoé pertence a um grupo cultural que não produz um recipiente cerâmico, com grande dispersão no Sul de Portugal, os vasos de bordos espessados.

Se me inclino para a primeira das hipóteses apresentada admito a dificuldade da opção perante os dados actualmente disponíveis.

Agradecimentos

À Câmara Municipal de Serpa pelo apoio concedido e o interesse demonstrados na concretização deste projecto.

Aos alunos da licenciatura em História, variante Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa que participaram nos trabalhos de campo e de gabinete.

Ao Prof. Dr. João Luís Cardoso, que prontamente aceitou identificar o conjunto faunístico recolhido.

Ao Prof. Dr. Paulo Fonseca, da Faculdade de Ciências de Lisboa, que realizou a análise mineralógica das argilas.

Este trabalho contou também com a participação de António Brum da Silveira, análise geomorfológica, Nuno Leal, identificação de matérias-primas líticas, e Pedro Mendes, desenho e tintagem de materiais e plantas.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A. F. (1998) - O talhe da pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: tecnologia e aspectos da organização da produção. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3-4, p. 41-60.
- FEIO, M. (1946) - Os terraços do Guadiana a jusante do Ardila. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 27, p. 3-84.
- FONSECA, P. (1995) - *Estudo da Sutura varisca no Sudoeste Ibérico nas regiões de Serpa-Beja-Torrão e Alvão-Viana do Alentejo*. Provas de doutoramento apresentadas à Universidade de Lisboa. Policopiado.
- GONÇALVES, V. (1987) - O povoado pré-histórico da Sala nº1 (Pedrogão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1(88). *Portugalia*. Porto. 8, p. 7-17.
- GONÇALVES, V. (1990/91) - TESP3: o povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. 11-12, p. 53-72.
- GONÇALVES, V.; SOUSA, A. (1997) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular. In Rodríguez Casal, A., ed. - *O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela. Actas do Coloquio Internacional, p. 609-634.
- SERVIÇO DE RECONHECIMENTO E ORDENAMENTO AGRÁRIO (1965) - Carta de Capacidade de Uso do Solo.. Folha 43-D, escala 1:50 000. Lisboa.
- SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO (1994) - Folha 522 Brinches, escala 1/25 000. Lisboa.
- SHERRAT, A. (1981) - Plough and pastoralism: aspects of secondary products revolution. In HODDER, I.; ISAAC, G.; HAMMOND, N., eds. - *Patterns of the past, studies in honour of David Clarke*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 261-305.
- SILVA, A. B. (1891) - *Estado actual das pescas em Portugal: compreendendo a pesca marítima, fluvial e lacustre em todo o continente do reino, referido ao anno de 1886*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1976-77) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 179-279.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. A. S. (1986) - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datações ¹⁴C) e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto. 14, p. 59-82.
- SOARES, A. M. (1996) - Datação absoluta da estrutura neolítico junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 51-58.
- SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F.; CABRAL, J. P. (1994) - Vestígios da prática da metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. p. 165-200.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3-4, p. 217-236.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- VITTA FINZI, C.; HIGGS, E. (1970) - Prehistoric economy in the Mount Carmel area of Palestine: site-catchment analysis. *The Prehistoric Society*. Cambridge. 36, p. 1-37.

NOTA

- 1 O povoado do Outeiro das Carapinhas corresponde ao povoado do Castelo do Azinhalinho que tem vindo a ser estudado e publicado pela equipa do Prof. Victor Gonçalves (1992, 1997).